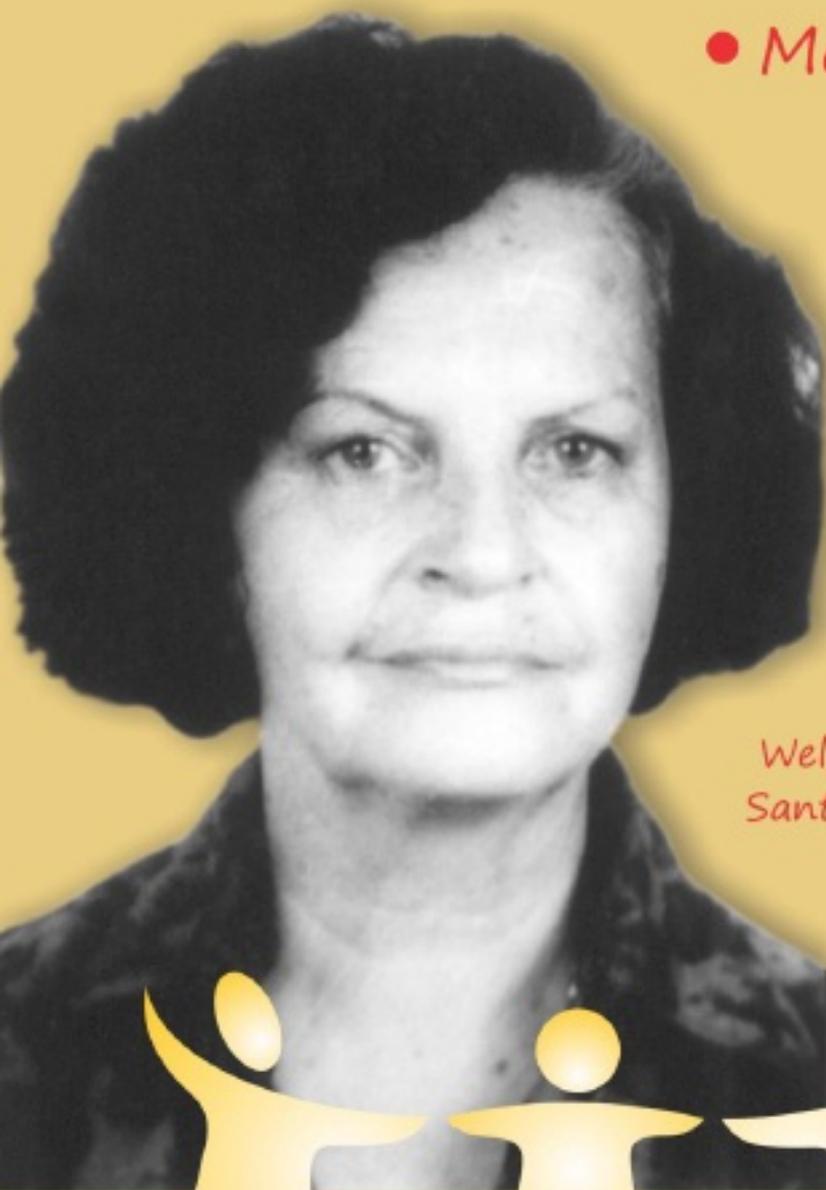


Dona Heloísa

• *Memórias*



*Welci Nascimento
Santina R. Dal Paz*



Welci Nascimento
Santina Rodrigues Dal Paz

Dona Heloísa
Memórias



Passo Fundo
2012

Welci Nascimento
Santina Rodrigues Dal Paz

Dona Heloísa
Memórias

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2012

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: zanette@zanette.com.br

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Biografia. -Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2012. 87p.; il.; 21cm..

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-Compartilhual 3,0 Nao Adaptada.

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado pelo Autor em: 04/10/2012

N244d Nascimento, Welci

Dona Heloísa [recurso eletrônico] : memórias / Welci Nascimento, Santina Rodriguez Dal Paz. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2012.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-63-9

Modo de acesso: World Wide Web: <<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Almeida, Heloisa Goelzer de - Biografia. 2. Passo Fundo (RS) – História. 3. Memória na literatura. 4. Ação social. 5. Cidadania. I. Dal Paz, Santina Rodriguez. II. Título.

CDU: 929

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Dedicamos este livro ao
Comitê da Cidadania contra a
Fome e a Miséria de Passo Fundo:
Às crianças pobres; Às meninas
desprotegidas; Às mulheres sem
vez e voz; Aos idosos pobres.

“Queremos acreditar que crianças e idosos, que vivem pedindo, a mendigar, possam ter, afinal, saúde, trabalho, teto e uma mesa farta para se alimentar.”

Heloisia Goelzer de Almeida

Sumário

Sumário.....	11
Prefácio.....	13
O Butiá.....	17
Família Goelzer.....	19
Vamos ao Butiá?.....	23
Eu quero voltar.....	26
Heloisa Goelzer de Almeida.....	30
Quem é a Heloisa?.....	31
A Cidade.....	40
A Casa Lar.....	45
A Miss Rio Grande do Sul.....	54
A Mulher Camponesa.....	56
A Heloisa no Círculo de Pais e Mestres.....	67
A Vereadora.....	70
Casa Própria.....	73
Preocupação com a Segurança.....	74
Heloisa e os Sem Terra.....	75
A Oração.....	76
Comitê da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida.....	79
Fontes de Referência.....	87
Índice de ilustrações.....	88



Prefácio

Sobre Heloisa Goelzer de Almeida ou simplesmente Dona Heloisa, como é mais conhecida nas hostes passo-fundenses, são ditas muitas coisas. Por exemplo, que ela: faz parte do grupo das primeiras mulheres que ingressaram no até então exclusivo mundo masculino dos Rotary Clubes em Passo Fundo, foi a criadora da Escola Assistencial do Centro Espírita Dias da Cruz (para ajudar crianças pobres que perambulavam pela cidade), foi a idealizadora da Casa Lar (para amparar meninas grávidas e prestar assistência às mães solteiras), organizou desde Concurso de Miss Passo Fundo até Encontro de Mulheres Camponesas (em defesa dos direitos das mulheres trabalhadoras do campo), foi atuante presidenta de Círculos de Pais e Mestres (CPMs do EENAV e do Protásio Alves), desafiou o ranço machista dos tradicionalistas que organizaram o 1º Encontro Gaúcho de Literatura Oral (que, aos brados, insistiam no bordão “mulher não entra em galpão”, vetando a participação feminina na “contação de causos” do evento), foi a única vereadora da legislatura de 1976 (eleita pelo MDB, ficou conhecida como “o furacão eleitoral de saias”) e, desde a criação, preside, na cidade, o Comitê da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida, além de ter sido colunista dos jornais Diário da Manhã e O Nacional. Uma bela história de vida que, numa louvável iniciativa dos professores Welci Nascimento e Santina Rodrigues Dal Paz, é contada em minúcias nesse livro.

Dona Heloisa não pode ser sintetizada em uma mera lista de ações sociais dirigidas à população economicamente menos favorecida de Passo Fundo. Tampouco se presta apenas ao papel da mulher que viveu para quebrar paradigmas em uma sociedade eminentemente dominada por homens. Ela é muito mais que isso, especialmente aos olhos daqueles que, um dia, sem poder contar com mais nada e sem qualquer esperança, encontraram nela e no seu trabalho social a mão estendida para que pudessem se levantar do chão, mesmo que essa mão, aos olhos de muitos,

na passasse de um prato de comida. Para quem, um dia, foi beneficiado pelo trabalho de Dona Heloisa, essa mulher de aparência frágil (só aparência) é uma guerreira monumental, capaz de mover montanhas para atingir seus objetivos, que se resumem em fazer o bem.

Eu, particularmente, admiro Dona Heloisa pela sua cruzada à frente do Comitê da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida. Lidar com fome e pobreza exige de qualquer ser humano, menos de Dona Heloisa, mais do que muitos de nós consegue e/ou está dispostos a dar em benefício de outros. Não raro, assumimos que sabemos o que é fome ou porque, em alguma ocasião, sentimos isso às vésperas de um jantar que atrasou ou lemos a respeito ou, ainda, assistimos imagens de pessoas famintas na televisão. Mas, efetivamente, poucos de nós paramos para pensar sobre essa questão que aflige uma parcela significativa da humanidade. Quando muito, tecnocraticamente, analisamos fome e subnutrição como uma medida física, mensurada pelas estatísticas da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO). E esses números, que mais se prestam para a elaboração de relatórios das Nações Unidas (ONU) e discursos diplomáticos que para qualquer outra coisa, pela frieza dos indicadores matemáticos, podem, inclusive, nos distanciar de algo, imperceptivelmente, muito próximo de nós.

Dona Heloisa, pela abnegação no combate à fome e à miséria, e eu estou convicto disso, sempre lidou com esse fenômeno social em termos de sentimentos humanos. Ela percebeu e sentiu mais que qualquer outra pessoa em Passo Fundo, que fome, para quem vive o flagelo, é a angústia de ter de fazer escolhas difíceis na escassez, é o luto de ver quem ama morrer, é sentir a humilhação de depender de outros e viver sob o medo da incerteza. Isso, pelo que me parece, é que justificaria tanta dedicação a essa causa, que escancara a deformação da nossa sociedade, envolvendo o processo de geração de riqueza e desigualdades sociais.

O texto dos professores Welci Nascimento e Santana Rodrigues Dal Paz, embora em certos traços pareça como tal, não é a bula de canonização de “Santa Heloisa Almeida”. Dona Heloisa não é nenhuma santa. É uma pessoa humana, demasiadamente humana para ter se

dedicado tanto a ajudar os outros. Por certo, na sua cruzada em prol do social, contrariou interesses, e haverá aqueles que divergirão no todo ou em parte do que está posto nesse livro. Nem Jesus Cristo agradou a todo mundo. Então, por que razão Dona Heloisa haveria de ser essa espécie de unanimidade? O insigne prefaciador, ainda que não íntimo dela, sente-se honrado em render homenagem e pedir a benção a Dona Heloisa. Estou certo que muitos me acompanharão nesse gesto. Nossos aplausos a Welci Nascimento e Santina Rodrigues Dal Paz.

Gilberto R. Cunha

Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

O Butiá

A parte florestal do imenso território de Passo Fundo do início do século XX foi descrito pelo historiador passo-fundense Francisco Antonino Xavier e Oliveira: “A parte florestal de Passo Fundo é de uma imensa riqueza. Só no sertão do Rio Uruguai, se calculam mais de trezentas léguas quadradas de matas. Dessa gigantesca floresta há, ainda, as grandes serras do Rio do Peixe, do Mato Castelhana, do Português. Há, também, as serras do ligeiro, do Taquari, do Turvo e do Rio da Várzea. Reunidos, ocupam por muitas léguas quadradas...”

“O pinheiro, dizia ele, “predomina por toda a parte, onde a indústria da serragem se desenvolve, abastecendo de madeira quase todo o Estado...” “Os campos de Passo Fundo, bordados de capões e restingas, os quais se avolumam, formam extensos cerrados e bosques, onde uma flora vastíssima se mostra aos olhos do observador...”

Sabe-se que grande parte do território de Passo Fundo já era colonizada. Nas costas do sertão do Rio Uruguai, norte do território, havia uma campanha recamada de butiazeiro, uma espécie de palma, cujo fruto é o butiá, fruta de agradável sabor.

Em certos lugares dessa região abundava também, o buriti, outra espécie de palma. Vistos de longe, esses campos se afiguravam muito cerrados. Mas não passava de ilusão porque neles o homem do campo podia manejar o laço, a cavalo, com a mesma facilidade que faria na campanha limpa, no sul do município.

Eram os campos do Butiá, banhados pelo arroio do mesmo nome, à margem direita do Rio Passo Fundo, que se preparava para largar suas águas no Rio Uruguai.

Nessa orla de campo e de mata, onde havia um imenso butiazeiro,

Família Goelzer

Provavelmente, um dos primeiros moradores da região do Butiá tenha sido o Sr. Fernando Goelzer, sua esposa e seus descendentes.

Fernando Goelzer nasceu na Alemanha, em 7 de outubro de 1859. Com 17 anos de idade veio para o Brasil, com seus pais. Veio morar na região do Rio Pardo, ao qual Cruz Alta e Passo Fundo pertenciam, na qualidade de distritos e, que mais tarde, seriam emancipados.

No final do século XX, havia um comércio intenso envolvendo a região de Passo Fundo e Rio Pardo, por meio dos carreteiros.

Com 19 anos de idade, Fernando Goelzer veio morar em Passo Fundo. Ajudava no transporte de uma tropa de gado de propriedade do Sr. João Vergueiro, homem de muitas posses, pai do Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro, político de envergadura na região norte do Estado e um dos primeiros médicos de Passo Fundo.

No dia 2 de março de 1896, Fernando Goelzer contraiu matrimônio com dona Eufrázia Schell, filha do capitão Jorge Schell, descendente de Adão Shell, primeiro imigrante alemão que chegou em Passo Fundo.

O casal foi morar nas terras de João Schell, terras essas que Fernando permutou por uma propriedade da esposa, localizada na Vila de Passo Fundo, nas proximidades do Boqueirão.

Desse matrimônio nasceram 11 filhos: Alfredo, Jorge, Zulmira, Euclides, Alvina, Fernandinho, Edmundo, Valdomira, Mário, Octaviano e Amadeu.

Antes de efetuar a permuta de terra com João Schell, Fernando Goelzer adquiriu uma área de terra de propriedade de Maria Domingues do Rosário, viúva de Mário Luiz da Rocha, somando, com isso, uma

expressiva propriedade que ele denominou de Fazenda do Butiá.

Do matrimônio de Fernando Goelzer com dona Eufrasia, fundiram-se três famílias tradicionais de Passo Fundo: Goelzer, Schell e Issler.

A Família Goelzer tinha um ideal político: Defendia o regime federalista no Brasil, cujo líder no Rio Grande do Sul, era o senador Gaspar Silveira Martins, tribuno de grande expressão nacional.

Maragato que era, Fernando Goelzer foi à luta e obteve a patente de coronel, uma vez que era um homem de muitas posses na região de Passo Fundo e onde detinha forte liderança.

Com seus filhos Octaviano, Jorge e Edmundo passam a fazer parte ativa na Revolução Federalista que eclodiu no Rio Grande do Sul no ano de 1893 e que ensanguentou Passo Fundo.

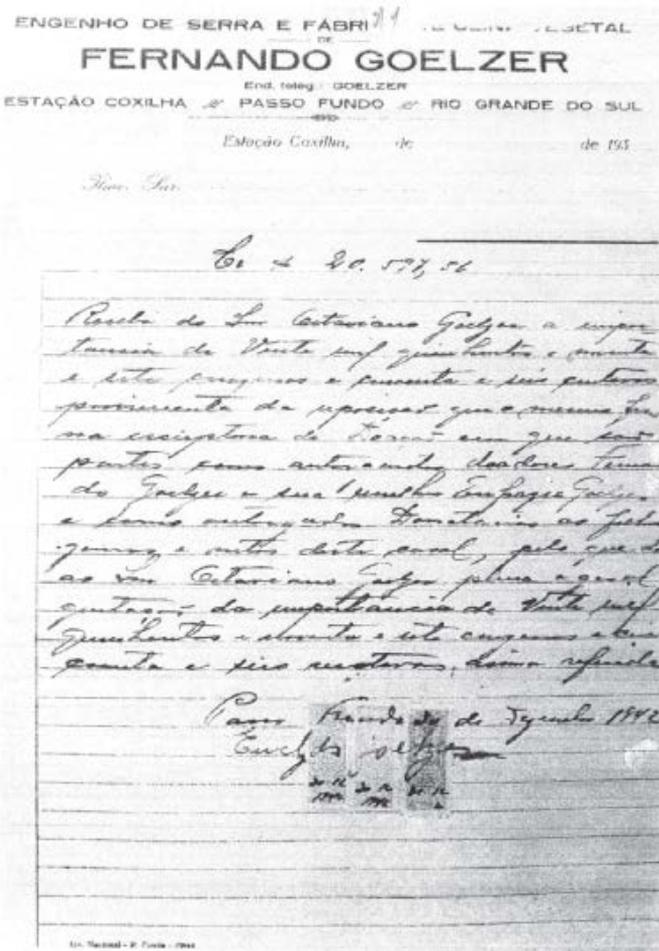
Os Goelzer lutaram na coluna maragata do general Felipe Portinho que liderava o movimento na região norte do Rio Grande. Perseguidos pelas forças do governo, tiveram que migrar para a Província de São Paulo. Com o fim da revolta civil, em 1895, regressaram para Passo Fundo, na Fazenda do Butiá, para trabalhar.

Mesmo assim, continuavam a fazer oposição aos governos chimangos que se sucediam por eleições fraudulentas, até que outras tantas revoluções acabaram com o sistema eleitoral reinante, sob o comando de Borges de Medeiros. Passo Fundo era o reinado ininterrupto dos positivistas. Talvez, por isso, Fernando Goelzer tenha sido esquecido pelos historiadores da época comprometidos com o sistema político implantado por Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros.

A família Goelzer era empreendedora. Ela contribuiu, decisivamente, para o desenvolvimento da região norte do Rio Grande do Sul. Fernando Goelzer e seus filhos instalaram a indústria de erva-mate em moldes modernos, bem como o fabrico da crina vegetal, cuja matéria prima era a palma do butia-zeiro.

Figure 2 Recibo

As iniciativas pioneiras dos Goelzer, resultou na participação de Fernando Goelzer na



Feira Agropecuária e Industrial de Passo Fundo, em 1930, para expor os produtos, especialmente o fabrico de cordas vegetais.

Por outro lado, alguns anos depois, Mário e Amadeu Goelzer, agropecuaristas, implantaram a lavoura mecanizada do plantio de trigo nos campos do Butiá. Os moradores daquela região, naquele tempo, costumavam acreditar que a lavoura de trigo conseguisse dar bons resultados nos campos de barba-de-bode. A tecnologia usada por Mário Goelzer venceu o empirismo da época e o plantio de trigo começa a ser destaque nacional no uso da mecanização moderna.

Amadeu Goelzer contribuiu de forma definitiva na implantação e consolidação do movimento tradicionalista gaúcho em Passo Fundo, ajudando a erguer o primeiro Centro de Tradições Gaúchas no norte do Rio Grande do Sul, o CTG Lalau Miranda. A Cavalaria do Butiá, comandada por Amadeu Goelzer era destaque nos festejos da Semana Farroupilha. Ele nos relatou, certa feita, que seu pai, no final do século XIX, erguem um engenho de soque de erva-mate, com nove mãos na zona do Butiá. Era uma indústria muito grande, que abastecia apreciável parte do Rio Grande do Sul. Em 1907, mais ou menos, “eu era uma bacarote, um menino” dizia Amadeu, mas “tenho na lembrança, que a empresa do meu pai continuava com a indústria e a erva-mate era levada por várias carretas, cada uma puchada por seis juntas de bois, com destino a Rio Pardo. O produto saía de Butiá, via Soledade, A viagem até Rio Pardo durava cerca de três meses. Isso se o tempo corresse bem. Amadeu nos relatou, bem acomodado na sua cadeira de balanço, lá pelos anos da década de 80, que as esposas dos carreteiros, com seus filhos, acompanhavam a caravana até a primeira sesteada e, a tarde, voltavam para suas casas. De volta, as carretas traziam farinha de trigo argentina, além de outros produtos para abastecer as bodegas da região.



Figure 3 Documento de transmissão de propriedade



Vamos ao Butiá?

Certo dia do mês de outubro de 2011, acompanhado de José Mattei, fomos à localidade de Butiazinho, à procura de butiazeiro. Saímos da cidade de Passo Fundo, em direção a Mato Castelhano. Na encruzilhada do Povinho Velho, à esquerda, rumamos para a granja dos Matteis, familiares de Dionísio Mattei, um dos primeiros plantadores de soja e milho daquela região. Percorremos vários quilômetros, à procura de butiazeiros e nada de encontrar um só pé. A não ser um aqui, outro ali, à beira da Estrada, solitariamente. Esse lugar, chamado de Butiazinho fica entre as localidades de Meneghetti, antiga estação da Estrada de ferro e Engenho D'água. No passado, certamente, era lugar de vários cursos d'água e matas nativas. Se a localidade é denominada de Butiazinho, certamente seria porque deveria ter muitos pés de butiás. Mas não. um pé de butiá é raro, por ali. Registramos a existência de um, na granja de José Mattei.

Dois meses depois Heloisa, Milton Goelzer o Sargento Orlei Ramos Borges, motorista do Comitê fomos ao Butiá Grande para rever as terras que foram de propriedade de Fernando Goelzer. A Heloisa e o Milton, tendo nascido ali, já as conheciam. Lá eles nasceram e se criaram. O trajeto foi outro. Saímos da cidade pela BR 285 e atingimos a Estrada Transbrasiliana, hoje abandonada, que deveria unir Passo Fundo, via Erechim, ao norte do Brasil. Percorremos vários quilômetros por estradas de chão, atravessando granjas de milho e soja, até depararmos, depois de muitas voltas, com uma placa rústica que indicava: "Butiá Grande". O Milton, mais vaqueiro, orientava o motorista do carro, pertencente ao Comitê da Cidadania contra a Fome e a Miséria que a Heloisa coordena. Pegamos à direita da encruzilhada, passamos pela Colônia Araújo, nos deparamos com um resquício de mata nativa, protetora do Arroio do Tigre. O Milton Goelzer ia atento, no sentido de localizar as terras do seu pai e da Heloisa, netos de Fernando Goelzer. Vai daí, que o Milton aponta o dedo para a direita, dizendo: - "É ali:" Localizou a Fazenda pertencente aos pais. Dali se

avistavam todas as terras de Fernando Goelzer, hoje recortadas por granjas de milho e soja. No trajeto da viagem, de vez em quando, deparávamos com uma motocicleta. Ao invés do cavalo, a moto, ao invés do cavaleiro, o motociclista. A Heloisa e o Milton se emocionaram em contato com a mãe terra. Butiazeiros na antiga e linda área de terra de Fernando Goelzer, não mais existem; apenas alguns. Os campos do Butiá, com ricas cabeceiras d'água, campos, matas e um imenso butiazeiro foram substituídos pelas imensas lavouras de soja e milho.

Para a dona Heloisa, nesta viagem ao Butiá Grande, foi uma resposta ao desejo de voltar, como na sua poesia:

Eu Quero voltar...

Ao meu torrão muito amado,

Para ver as manhãs de sol,

Com cigarras no arvoredado

E as andorinhas no beiral...

Heloisa voltou, mas não viu a carreta ringindo, não escutou a voz do carreteiro. Não viu os campos em queimadas e coxilhas esfumaçadas...

Eu quero voltar

Eis a poesia de Dona Heloísa,
sonhando com a sua volta ao Butiá:

(*) Heloísa Almeida

Eu quero voltar...
Ao meu torrão muito amado,
para ver as manhãs de sol,
com cigarras no arvoredado
e andorinhas no beiral...
Eu quero voltar...

Escutar a voz do carreteiro
que pelo caminho vai
levando,
a carreta que ringindo
vai pouco a pouco sumindo
numa volta lá da estrada...

Eu quero voltar...
Veros campos em
queimada,
coxilhas esfumaçadas,
caranchos em revoada
procurando cobras
daninhas...

Eu quero voltar...
Para ver ao meio-dia
com sol quente, bem a pino,
na encosta do capão,
o gado pachorrento
esperando a tarde amena...

Eu quero voltar...
Acordar tarde da noite,
escutara chuva...
caindo como um açoite
e o minuano batendo
a porta lá do galpão...

Eu quero voltar...
Ouvir goteira pingando
em noite de chuarada
e até cachorro uivando
que dizem explicando
alma a outro mundo
enxergar...

Eu quero voltar...
Veras matas verdejantes,
pitangueiras, guamirins,
borboletas coloridas,
esvoaçantes
o regato que correndo,
murmúrios vai levando...

Eu quero voltar...
Escutar nas noites calmas
o canto da coruja
e o coaxar dos sapos na
lagoa...
isto tudo eu quero ouvir,

Eu quero voltar...
Ver o capão de timbós,
a curva lá da estrada,
onde ao longe se avistava
a casa dos meus avós...

Eu quero voltar...
Ver a ponte do Rio Tigre,
a casa do seu Apolinário,
a serra logo ali perto,
que com certeza... por
certo,
hoje é um descampado...

Eu quero voltar...
Para ver a passarela
que a tarde em chilreitada,
cantam ao pôr do sol
um hino ao Criador...
Eu quero voltar...

Ver o gramado de mal-me-
queres,
e o cinamomo florido,
onde nos galhos mais
baixos
compadre Amâncio
amarrava,
as rédeas de seu cavalo...

Eu quero voltar...
Ver o cerro, e lá em baixo
o campo verde, florido,
as avestruzes andando
vaidosas e altaneiras
e os butiazeiros com
caixos...

Eu quero voltar...

pois a saudade, não
escolhe o querer...

Eu quero voltar...
Ver em tardes de primavera
lua-luas no gramado,
pessegueiros floridos,
bem-te-vis cantando neles

Eu quero voltar...
A querência muito amada,
linda e buena no mas,
dizer a ela, entre risos e
lágrimas
de que embora gaudéria,
arrinconada
cada vez amá-la mais...

Eu quero voltar...
Em cada lugar lembrar
Sua Rosa e a Nóca,
Compadre Juca, Polidoro,
seu Joaquim
Morais e Benvindo e o
Lincindo.
e tantos outros mais...

Eu quero voltar...
Para ver no cemitério
por sobre as lápides,
gravados
os nomes dos conhecidos
que partiram para outra
vida,
já não estão mais lá...

Eu quero voltar...
gritar nos campos floridos
coxilhas, canhadas, matas e

Ver as noites enluaradas
céu azul todo estrelado,
escutar lá longe alçado
o grito de um graxaim...

Eu quero voltar...
Prá despertar de
madrugada
quando alegre a passarada
canta, saudando o sol,
fazendo coro com o galo
que também lhe diz bom-
dia...

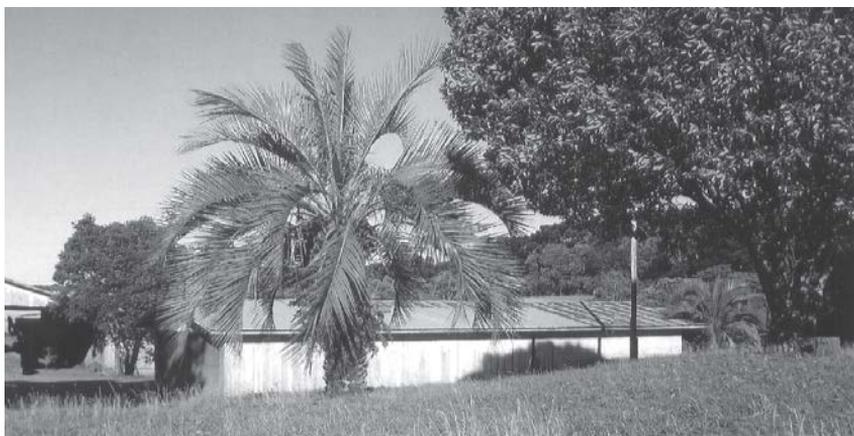
capões,
para tudo de lá enfim,
de que, aqui na cidade
a saudade é sem fim...

Eu quero voltar...
Escutar de novo vozes...
ringir de rodas, berro de boi
andorinhas, quero-quero
tudo numa vozeirada
cantando em coro para
saudar
à mim, que quis voltar...

(*) Presidente do Comitê da Cidadania de Combate a Fome a
Miséria e pela Vida



Figure 5 Heloisa ao lado de dois butiazeiros, certamente, centenários.



**Figure 4 Um dos poucos butiazeiros que restaram na região de Butiazinho.
(Granja Matei).**

Heloisia Goelzer de Almeida

“A dona Heloisia”, como é mais conhecida pelos passo-fundenses, especialmente pelas gente pobre das nossas vilas, não reside mais lá no Butiá, nem no seu amado Boqueirão. Reside na histórica Rua Paissandu, nos arredores do Colégio Conceição.

“Mas onde ela costuma, mesmo, parar”, no dizer dela, é na sede do Comitê da Cidadania. Ali nos fundos do antigo prédio da Prefeitura Municipal, entre a Avenida Brasil e a Rua Moron, que nasceram no Boqueirão e foram em direção ao “passo”. Não pararam, como a Heloisia. Ela não consegue ficar sossegada. Está sempre de um lugar para o outro. Nem parece que já ultrapassou os oitenta anos de idade.

Sempre bem trajada, sem querer ser exibida, com o pala enrolado ao pescoço nos dias de muito frio, Heloisia sentou para conversar sobre a sua vida agitada. Não foi um dia só, foram vários. Na sua residência, no Comitê, na nossa casa e até nas ruas de Passo Fundo, foram acontecendo os momentos de prosa.

Quem é a Heloisa?

Ela mesma vai nos dizer. Mas tal é o seu carinho pelo trabalho social em favor das pessoas excluídas, que ela começou a nos contar sua trajetória pela organização do Comitê da Cidadania contra a Fome e a Miséria. Este, diz a Heloisa, foi uma inspiração dos ideais do saudoso Herbert de Souza, o “Betinho”, perseguido e exilado durante o regime militar implantado no Brasil. Betinho seduziu os brasileiros dizendo: -

”Comida para quem tem fome, agasalho para quem tem frio”. O grito do

“Betinho” ecoou nos ouvidos de Heloisa.

Ela deu uma pequena parada e disse:

Antes de falar do Comitê, tenho muitos causos para contar. Diferentes, creio eu.

“Vamos gritar por aqueles cujos gritos não são ouvidos”

Para as minhas amigas de luta, eu digo; - “Mas gritem comigo, também, quando eu estiver errada”.

Heloisa divagava:

- Estou em casa. No meu lar, meu cantinho, meu ninho... Lá fora, chove torrencialmente. Chove muito.

Estou com 83 anos. Tenho muita coisa para contar. Por onde começar?

Heloisa resolveu começar pelo seu nascimento.

- É lógico, concluiu

Bem, eu nasci em Passo Fundo, no dia 17 de março de 1927, às 11 horas e 40 minutos. Era uma quinta-feira. Nasci na casa da minha bisavó, com a ajuda de uma parteira prática, na Av. Brasil nº 827. Ali onde hoje foi

levantado um edifício com o nome de Adão Schell, meu tetravô.

Meus pais Octaviano Goelzer e Edithe Issler Goelzer, também nasceram em Passo Fundo.

“Sou passo-fundense da “gema”, diz ela.

E arremata: Ainda, por cima, sou do Boqueirão.

Casei com Odorico Adão Bastos de Almeida, em 28 de dezembro de 1946. Desse casamento nasceram os filhos Lauro, Herlon, Dorisa Fernanda e Bibiana.

- Vamos voltar ao passado? Disse Heloisa.

- Passei a minha infância e parte da adolescência na Fazenda do Butiá. Lá na serra, como se dizia, antigamente.

Era a minha “querência amada”, no dizer do Teixeira. Tenho saudade, muita saudade, toda às vezes que me vem à lembrança.

Lembrança do cheiro da terra, dos animais, dos arvoredos... Passei uma infância maravilhosa, correndo pelos campos, subindo nas árvores, pulando porteiras e inticando com os animais bravios.

Certo dia, vejam só, eu tinha apenas 12 anos, quando um moço bonito, alto, moreno e simpático, olhou para mim, se aproximou e disse:

- “Sabes que eu vou casar contigo”? Tinha ele 18 anos.

A felicidade invadiu o meu coração, por inteiro.

Eu estava encantada da vida.

Ele era dançador. Bailava muito nas reuniões sociais.

Minha avó o chamava de “pé de valsa”. Nos bailes, lá no Butiá, ele não recusava os convites das moças mais velhas. E dê-lhe baile pelo salão. Heloisa ficava pensativa... – Disse que vai casar comigo e namora as outras!

Veio o Natal:



Figure 6 Milton e Heloisa Goelzer no local onde seus pais residiam

Heloisa ganhou uma caixa de bombons do seu namorado. Diz ela que guarda, até hoje a caixa, como lembrança do namorado, depois esposo, que já foi levado para outra vida.

- Meu pai costumava dizer: - “Não quero ouvir falar desse seu namoro”.

Namorávamos às escondidas. Namoro à moda antiga, de conversar. Hoje o namoro tem outro sentido. Mas, num de repente, meu pai falou

para a minha mãe: - “fala para a Heloisa que não mais me importo com o seu namoro”.

Casamos e fomos muito felizes.

Mas, voltando ao tempo da infância que ocorreu lá na Fazenda do Butiá, eu me recordo que nossa casa ficava próxima à casa dos meus avós paternos. Foi um tempo encantador, repito. Cada dia era uma oportunidade renovada. À noite, quando perdia o sono, eu planejava o que iria fazer no dia seguinte. Entre o planejar e o executar era uma questão de oportunidade oferecida na hora. É o que eu procuro fazer até hoje. O boi do seu Graciliano, fazendeiro vizinho nosso, ficava pronto para avançar. Quando o animal vinha, eu tratava de pular a cerca de volta.

Minha mãe reclamava:

- “Esta menina nasceu trocada”! Era para ser homem...!

Minha avó, minha mãe e minha madrinha desejavam que eu fosse uma menina “educada”, que soubesse brincar com bonecas, santinha, comportada... Que nada! Eu queria mesmo, era estar solta no campo, com a natureza...

Certo dia, saindo a passeio em companhia do meu pai, na cidade, duas senhoras pararam para conversar, pois eram conhecidas da família. Uma delas, pegou o meu queixo e disse:

- “Que criança linda de cabelos cacheados! Parece um biscuit”.
Fomos adiante e perguntei ao meu pai:

- O que é biscuit, papai?

- Ele respondeu: É uma lagartixa, minha filha. Vai daí que eu perguntei, novamente: - O que é lagartixa?

É como você. Vaidosa, pensando que é bonita. E arrematou: “Toma jeito menina”!

Eu não entendi nada, disse Heloisa. Tempos depois, meus pais decidiram que eu deveria estudar no Colégio Notre Dame, como interna. O

educandário era só para meninas. Deixaria de ser uma menina serelepe, diziam. Lá na Fazenda meus irmãos e meus primos não conseguiam me acompanhar. Faltavam-lhe fôlego e audácia. Por outro lado, tinham medo de levarem uma sova de laço ou umas varadas no lombo...

Como eu ia dizendo, fui internada no Colégio Notre Dame. Corria o ano de 1936. Eu já estava com nove anos de idade, parece. Chegando lá, logo fiz amizade com duas meninas: A Miloca e a Cecília. Elas já estavam no colégio, mas tinham muito medo das freiras, diziam. A irmã Catarina era temida. As freiras se vestiam todas de preto e tinham a cabeça toda coberta. A nossa vontade era poder tirar o véo da cabeça delas. As meninas afirmavam que as freiras tinham a cabeça raspada. Faltava coragem.



Figure 7 Butiazeiro da antiga fazenda do pai de Dona Heloísa.

Subir nos pés dos ariticuns que havia no pátio do Colégio foi uma

oportunidade de mostrar à Miloca e Cecília as minhas habilidades. Era o que eu mais gostava de fazer lá na fazenda do Butiá.

Segundo sei, o terreno onde foi construído o Colégio Notre Dame tinha sido propriedade do meu avô Fernando e a minha mãe foi a primeira professora leiga. As outras professoras eram todas religiosas. O internato fez bem para mim, disse Heloísa. Eu era “sapeca”, mesmo assim, as freiras queriam que eu fosse religiosa. Freira, também. Eu recusei dizendo: “Quero casar e ter muitos filhos”. No Colégio fui catequizada e fiz minha primeira comunhão na Igreja Matriz, onde está a imagem do meu Deus de braços Abertos.

Nos sábados, à tarde, era permitido ir passar o fim de semana na casa da minha avó ou da minha madrinha. A primeira coisa que eu fazia, quando eu chegava, era tirar os sapatos, as meias e ficar de pés descalços. Minha avó dizia: “Menina, tu vai ficar com os pés grandes”. Eu não dava importância ao que diziam. Para subir nas árvores, pular cercas de sapatos nos pés não era possível. Embora, seguidamente, pregos e cacos de vidros ferissem os meus pés. Daí, a minha mãe colocava salmoura com vinagre e tudo ficava bem. Era o curativo da época. No inverno, durante as grandes geadas, eu procurava os cochos com gelo para comer. Era o nosso picolé.

Uma das outras traquinagens que eu fazia era localizar os ninhos de tico-tico, sabiás, pombas, para trocar os ovos. Levava um ovo de um ninho para o outro. Os meus queridos ambientalistas não devem saber: o Preto, Cornélio, Paulo Pinheiro...

“Vá escrevendo que as lembranças vão aflorando na minha cabeça”, dizia Heloísa. Ela ainda está funcionando bem, graças a Deus. Certamente é porque está sempre ocupada, com coisas boas, não é? Trabalho é bênção divina. Às vezes me perguntam: “Quando é que você vai parar Heloísa? Respondo: Nem pensar de parar. Tenho medo de enferrujar”.

Construir ideias, sonhar... Ter a cabeça iludida... Enganar o próprio coração. São sinais de vida, arremata. Vocês sabem, embora eu tenha passado a minha infância e parte da minha adolescência no meio rural, meus pais e meus avós tinham uma boa formação intelectual. Assimavam

jornais, compravam livros, revistas e eu aproveitava para fazer leituras. O hábito da leitura sempre fez parte do meu dia-a-dia. Até hoje, leio até as propagandas dos jornais.



Figure 8 Recorte de jornal da época.



Quando casou, Heloisa foi morar em Coxilha, então distrito de Passo Fundo. Era, naquela época, um lugar de serrarias, porque havia muita madeira, especialmente o pinheiro. O Odorico, meu marido, era gerente de uma empresa que lidava com madeira.

Estávamos recém casados, disse Heloisa, quando um avião passou pelos céus de Coxilha. Soltava alguns panfletos, que se espalhavam pela Vila. Perguntei ao esposo: “O que é isso”? Disse-me: “É propaganda política. Logo haverá eleições.” Lá na fazenda do Butiá, meu avô e meu pai costumavam sair a cavalo para votar em Coxilha, em época de eleições. De pala, esvoaçando ao vento, lenço vermelho no pescoço, pois eram maragatos, iam eles votar. Desde criança, vivi em ambiente político. Um dia perguntei ao meu marido: “Qual era o partido político dele?” respondeu-me: “Do PTB”.

Não Tive dúvida e falei com convicção: “Então, eu também sou”. Naquele tempo era outro PTB. Não esse que anda por aí. Em Passo Fundo, seus líderes eram o Dr. César Santos, Daniel Dipp, Ney Mena Barreto, Benoni Rosado, Wolmar Salton, sob a liderança de Getúlio Vargas.

Embora de origem alemã, Heloisa tinha um desejo, desde menina: casar com um brasileiro que lhe permitisse acrescentar um sobrenome brasileiro. Isso aconteceu, quando a jovem menina conheceu o moço Odorico Almeida. Bem brasileiro, como queria e com o qual casou e foi morar em Coxilha.

Casada, passou a acompanhar o marido nas reuniões políticas. As ideias socialistas já estavam enraizadas em suas entranhas. Diz Heloisa que, desde criança, abraçava e tratava com muito carinho as negrinhas netas das comadres da sua mãe e avó, lá no Butiá, onde morava.

“Eu sempre soube conviver com as diferenças”. Diferenças mesmo, só as espirituais! Falou bem alto.

“Sou socialista e espírita. Diferenças sociais, para mim não existem. As atitudes do ser humano é que são diferentes”.

Esta é a Heloisa na Fazenda do Butiá. Descendente do primeiro casal de alemães chegado em Passo Fundo: Adão e Catarina Schell. Seu avô, Fernando Goelzer, também era alemão, vindo da Europa no século XIX e seus pais, segundo Heloisa, eram primos. A mãe era descendente das famílias Schell e Issler e neta de mulher negra “romance de escravos com branco”.

A Heloisa deu o que deu: Uma socialista democrata.



Figure 9 Recorte de jornal da época.

A Cidade

Era o ano de 1956, quando Heloisa deixou o distrito de Coxilha e fixou residência na cidade de Passo Fundo, onde ela nasceu. Tinha 29 anos de idade.

Sua vida iria mudar.

Pensava nos filhos que deveriam estudar. Seu esposo desejava realizar um sonho: instalar uma fábrica de calçados. Realizou. Surge a Fábrica de Calçados Modelar e a Heloisa passa a exercer as funções de secretária da pequena empresa.

Três anos depois, Heloisa dá início ao trabalho voluntário social. Ajuda a fundar o “Clube da Saúde Arthur Leite”, entidade beneficente que auxiliava as pessoas carentes, fornecia uniforme escolar aos alunos pobres matriculados nas escolas públicas dos governos estadual e municipal.

O Dr. Arthur Leite fez de Passo Fundo a sua terra, onde sempre demonstrou muito carinho e calor humano para com seus clientes. Fez da medicina um verdadeiro sacerdócio, vendo nos doentes a face de Jesus. Tornou-se o médico da família passo-fundense. Não poupava medicamentos de chuva e geada para atender bem as pessoas. Para perpetuar a sua memória, foi escolhido como patrono do Clube Assistencial, que marcou época na história da cidade de Passo Fundo, entidade essa que Heloisa ajudou a fundar e dirigiu por várias vezes.

Certa feita, a professora Ida Della Méa, outra mulher de muito valor humano na cidade, desafiou a Heloisa dizendo: “Heloisa, crie uma escola assistencial no Centro Espírita “Dias da Cruz”, para ajudar as crianças pobres que perambulam pela cidade, que eu fornecerei toda a alimentação”. Dona Ida coordenava o Setor da Merenda Escolar do Município.



Figure 10 Heloisa discursando na inauguração da Escola “Manoel Peres”. Prof. Ida Della Mía, Octaviano Goelzer (pai de Heloisa), João Freitas e Ernesto Formighieri.



Figure 11 A banda de música da Brigada Militar abrilhantando a inauguração da E.A. “Manoel Peres” (1969).



Figure 12 Famílias assistidas pela iniciativa da Heloisa



Figure 13 Festa na E.A. “Manoel Peres” organizada pela Heloysa (na primeira fila, juntamente com o povo).

Heloisa, diante desse desafio, passou a localizar os meninos que costumavam andar no centro da cidade, especialmente em torno da Praça Marechal Floriano. Abordava-os e os conduzia numa Kombi ao Centro Espírita para tomar uma saborosa sopa, ao meio-dia. Às vezes, aparecia uma menina grávida no meio da turma. Surge, daí, diz Heloisa, a ideia da “Casa Lar”.

A Escola Assistencial passou a chamar-se “Manoel Peres”. Ela nasceu da necessidade de atender a criança abandonada nas ruas de Passo Fundo; suas atividades tiveram início no dia 12 de outubro de 1967, dedicada à criança.

O patrono “Manoel Peres” era natural de São Borja, do qual Passo Fundo já fez parte. Ele comandou a Brigada Militar de Passo Fundo. Na sua biografia consta que sempre foi uma pessoa correta, desfrutando de estima e consideração de todos que com ele conviviam.

Na escola Assistencial Manoel Peres as crianças estudavam, se alimentavam com dignidade, faziam atividades de lazer. Eram crianças de famílias pobres que residiam nos arrabaldes da cidade.

Heloisa lá estava, diariamente, participando e controlando os trabalhos das pessoas que faziam o atendimento às crianças. As esposas dos rotarianos procuravam ajudar a escola, promovendo chás beneficentes, distribuindo brinquedos às crianças, no Natal e no dia deles, doze de outubro.

A imprensa local registrava a inauguração da Escola Assistencial Manoel Peres, sob a liderança da Heloisa.



Figure 14 Heloisa oferecendo presentes para as crianças na festa da E.A.M.P., acompanhada de seu amigo e irmão Ernesto Formighieri e professores

A Casa Lar

A casa lar foi uma iniciativa genuína da Heloísa.

O jornalista Antônio Augusto Meireles Duarte, dissertando sobre a instituição, assim escreveu na imprensa local: “Atraída, sempre, pelo sofrimento e as necessidades dos seus semelhantes, Heloísa Goelzer de Almeida, depois de liderar um grupo de senhoras que davam assistência às mães solteiras em nossas maternidades, iniciou uma campanha objetivando organizar um local onde as futuras mães fossem colocadas, com toda a assistência e amparo necessários...”

A Casa lar, criada por dona Heloísa, tinha a finalidade de acolher as meninas grávidas, abandonadas, na cidade de Passo Fundo. Via-se na Casa Lar, uma procura permanente. Eram, em geral, pessoas desprezadas, carentes de amor, praticamente desprezadas pela sociedade.

Perguntei para a Heloísa: Quando foi fundada a Casa Lar? Em 30 de março de 1970, disse ela.

Foi um trabalho pioneiro aqui em Passo Fundo. Era muito delicado tratar desse assunto. Difícilimo, por que não dizer. Sempre enfrentamos problemas gravíssimos. A Casa tinha um lema: “*Não estamos apoiando um erro. Amparamos quem errou*”. A ação das mulheres que ali trabalhavam era sintetizada nesse pensamento. A Casa Lar surgiu sob uma descrença, quase que generalizada. Mas ela foi se firmando, gradativamente, no seio da sociedade. “Ela merecia aplausos da sociedade que sabe valorizar a pessoa humana”, concluiu Heloísa.

O que ela realmente fazia? Procurava reintegrar à sociedade as moças, geralmente menores de idade, marginalizadas. De um modo geral, eram meninas que se prostituíam, sem condições humanas de conduzir uma gravidez. Muita gente as consideravam mulheres inúteis que “erraram” na vida.



Figure 15 Inauguração da Casa Lar Lydia Moschetti. Na foto, o prefeito Guaraci Marinho discursando e Heloysa ao centro (1970).

Mulheres como Noely Albuquerque, Geny Barroso Marinho, entre tantas outras, lideradas por Heloisa Goelzer de Almeida, faziam todo o possível para proporcionar internação e aconchego na Casa Lar sendo assistidas no Centro de Saúde e na Assistencial Social da Prefeitura.

Heloisa disse que em geral as mães solteiras queriam doar o filho, por não ter condições econômicas para criá-lo. Tinham medo de enfrentar a sociedade que marginalizava meninas grávidas, pobres, fora do casamento. A imprensa local veio a favor da Casa Lar quando setores da sociedade tentavam criticar a ação da Casa Lar. Naquele tempo não havia Conselho Tutelar. A única legislação que protegia a criança, e o adolescente era o Código de Menores. As autoridades não conseguiam abrir meninas, que não tinham teto para dormir. Conduziam à Casa Lar. “Mas não era fácil administrar uma instituição privada, com poucos recursos, diz Heloisa.”

Diário da Manhã

Jornal Diário de Maior Circulação e Tiragem no Interior do Estado

D. Eclêa não informou se vem

Casa-Lar prepara aniversário



Fundada em 30 de março de 1970, concretizando uma idealização da sra. Heloisa Goelzer de Almeida, sua presidente, a Casa-Lar "Lydia Moschetti" - entidade assistencial de alto valor social pelos serviços que presta ao município e região - comemorará seis anos de profícua existência com programação especial.

NÃO APOIA O ERRO. Numa entrevista anterior ao DIÁRIO DA MANHÃ, d. Heloisa Almeida declarava: "Não estamos apoiando o erro, amparamos quem errou (este é o nosso lema); por isso podemos afirmar que a Casa-Lar tem por missão profícua evitar que a mulher ingresse na prostituição, socorrendo a mãe solteira e o seu filho, arrumando colocação para que reconstitua a vida trabalhando com dignidade. Para isso, propor-



ciona novos e úteis conhecimentos através de cursos profissionalizantes. Essas criaturas são auxiliadas a se sentirem novamente "gentes" como todos nós, reintegradas na sociedade".

D. ECLÊA NÃO CONFIRMOU

Até agora, segundo informação recebida pela reportagem do DIÁRIO DA MANHÃ, d. Eclêa Guazzelli, Primeira Dama do Estado, esposa do Gover-

nador Sivalva Guazzelli, ainda não confirmou a sua presença nos festejos do 6º aniversário desta instituição beneficente de Passo Fundo, coisa anunciada anteriormente. É possível que, nesta próxima semana, a Casa-Lar receba algum comunicado a respeito de Porto Alegre.

LANÇAMENTO DO LIVRO

A jovem intelectual Ana

Lúcia Quedes, presidente do Grupo Literário Nova

Geração, tem previsto o lançamento de seu livro como parte integrante das comemorações do aniversário da entidade,

dependendo tudo da editora aprontar em tempo a referida obra que versa sobre os problemas que

muitas jovens têm, como essas que procuram abrigo na Casa-Lar "Lydia Moschetti".

Figure 16 Recorte de jornal da época.

CASA-LAR TAMBÉM SENTINDO O PROBLEMA DOS "FILHOS DE NINGUÉM"

A reportagem do DIÁRIO DA MANHÃ entrou, ontem, em contato com a vereadora eleita Heloisa Goelzer de Almeida, ex-presidente da Casa Lar "Lydia Moschetti", a fim de que ela se manifestasse a respeito do problema do menor abandonado, tendo em vista que, nesses últimos dias, foi entregue àquela instituição assistencial uma criança de alguns meses, sobre quem não se sabe absolutamente nada.

D. Heloisa Almeida salientou que, embora se tenha pessoas idealistas como o dr. Euripedes Facchini, que deixou a presidência do CEBEM, que fazem o possível para auxiliar no bem-estar do menor, o problema da criança abandonada é muito difícil de se resolver e, também, muito triste. A entrevistada adiantou que os novos Prefeito e Vice-Prefeito eleitos, conforme sabe, deverão se deslocar até Santa Rosa para observarem o trabalho magnífico que lá é desenvolvido dentro desse aspecto assistencial, a fim de ver as condições de aplicabilidade na Capital do Planalto.

PROBLEMA GRAVE

O problema é muito grave porque o menor, na sua infância, prepara-se moralmente para a vida, partindo praticamente daí a delinquência juvenil que se vê espalhada pelas ruas. A maior prevenção seria evitar a gravidez, diz d. Heloisa Almeida, a fim de diminuir o número de mães solteiras, jovens que a Casa Lar vem amparando, a fim de serem encaminhadas para um comportamento melhor. "Vejam o caso da última criança lá entregue. Foi uma mãe solteira que abandonou a filhinha na casa de um casal sem as mínimas condições de subsistência, pois o senhor é idoso e a mulher doente. A criança foi levada para minha casa, onde se encontra desde a última quinta-feira. Hoje (ontem), às 14 horas, será decidida a vida da menina que tem de 4 a 5 meses e a quem chamamos carinhosamente de Juliana - uma filha de ninguém", disse enfaticamente a entrevistada à reportagem. Este é um caso como muitos outros que ocorrem



A Casa-Lar, em muitas oportunidades, tem servido de amparo para os filhos de ninguém, crianças abandonadas por suas mães.

em todos os lugares: crianças abandonadas pelos pais que não têm condições de mantê-las. Por isso, é altamente positivo o trabalho da Casa Lar em receber, amparar com assistência médica e moral aquelas que descampam para uma gravidez inconsequente. "São inúmeros os casos em que as mães encaminham seus filhos para uma verdadeira indústria, onde pagam mulheres para cuidar as crianças. Mas o que acontece é que os pequeninos, mal cuidados, terminam geralmente desidratados e subnutridos, alguns vindo até a falecer" - informou d. Heloisa Almeida, acrescentando: "as mães são aconselhadas, nos hospitais, por terceiros, a ficarem com os filhos, mesmo quando elas não têm condições de mantê-los e eles seriam melhor cuidados num lar sadio e bem posicionado. Essas mães terminam abandonando seus filhos nas ruas, nas quais eles viram esmoleiros, delinquentes, verdadeiros filhos de ninguém".

Figure 17 Recorte de jornal da época.



A verdade é que, mulheres grávidas, sem distinção de cor, idade, condições econômicas ou credo religioso, encontravam na Casa Lar refúgio e segurança.

A Casa Lar Lídia Moshetti foi uma entidade organizada pelo Clube de Saúde “Dr. Arthur Leite”, obra também de iniciativa de Heloisa. Tiveram atuação destacada as senhoras Ida Della Méa, Cládiz Petraco, Zefinha Voltolini e Arnilda Cabeda, bem como as senhoras do Rotary Clube Passo Fundo.

Heloisa sempre esteve às voltas com os problemas da sociedade passo-fundense. Ela se identificava perfeitamente com eles. Sofria com eles. Como no tempo em que, com uma viatura, recolhia meninos e meninas na rua ou de rua, com fome, perambulando pelas praças da cidade, para dar-lhes de comer e de vestir.

Heloisa sofria com os jovens que não conseguiam se recuperar, que se perdiam, descambavam para o mundo do crime e terminavam na prisão.

Como a menina que jogou o filho recém nascido no poço... Por esse ato foi presa. O pai desesperado veio pedir socorro a dona Heloisa. “Uma vez, diz ela, a polícia procurou minha casa afirmando que havia um recém nascido no necrotério. O policial queria falar comigo. Que eu saberia explicar, etc, etc... É claro que eu nada tinha a ver com o caso, mas vinham à minha procura, porque eu sempre estava ao lado das pessoas desprotegidas.” Resultado: A Heloisa fez o enterro da criança, depois de resolvido o caso.

Entre tantos outros “causos” e casos, assim tem sido a vida da Heloisa. Desde o dia em que veio morar na cidade. Mas tem mais, muito mais...

Diário da Manhã

HELOISA ALMEIDA :

Sexta Feira, 7 de Novembro de 1.975

Casa-Lar até de Alberque vem servindo em P. Fundo

Em entrevista com a tra, Heloisa Almeida, presidente da Casa-Lar Lydia Moschetti, entidade filantrópica das mais procuradas pelas jovens necessitadas de conforto e abrigo, que sem por lama - não estamos apunhando o erro, amparamos quem errou, a reportagem do DM tomou conhecimento da situação financeira porque passa a reterda instituição.

DIFICULDADE MUITO GRANDE

Diz d. Heloisa: -A nossa dificuldade é muito grande. Eu sempre costumei dizer o seguinte: é fácil e até costumerei auxiliar um asilo de velhos ou creche. Agora, não é fácil e tem sempre tem muita aceitação auxiliar criaturas como as que nós temos auxiliadas, como seja, a mãe solteira, que só passa uma vez na Casa-Lar. Não é recebida por uma segunda vez. Noventa e oito por cento do nosso trabalho é válido, porque as criaturas que passam pela entidade, nós conseguimos mantê-las, com um acompanhamento que fazemos. Elas ficam ligadas a Casa, embora de maneira sigilosa.

AGUARDANDO A FEIRA

E acrescenta a entrevistada: -Estamos, agora, aguardando a Feira da Ternura, esperanças de com ela, conseguirmos alguns recursos para uma melhor subsistência da entidade.

P.FUNDO NÃO TEM ALBERQUE

D. Heloisa Almeida, ainda, nos informa: -Passo Fun-



Dona Heloisa Almeida, presidente da Casa-Lar Lydia Moschetti

do ainda não tem albergue. Batem nos à porta, a qualquer hora, criaturas as mais diversas e dos mais variados recantos do país, pedindo socorro e abrigo, recebendo o teto sempre da Casa-Lar. Passo Fundo não tem uma entidade que abrigue, de maneira continuada, a menina ou a moça órfã, porque as entidades que poderiam fazê-lo exigem que, no fim de semana, essas moças ou meninas tenham uma casa para onde ir. E nós, então, as recebemos, pois elas não tem para onde serem recolhidas. Ajudamos até mesmo a conseguir colégio para elas. Já temos três delas colocadas em educandários citadinos.

ATE REMÉDIO JÁ FORNECEMOS

Nós recebemos moças que, não tendo condições financeiras para pagar u-

ma pensão, aguardam uma colocação no comércio ou noutra atividade, para que possam trabalhar de dia e, se possível, estudar à noite. Também temos recebido moças que vêm a Passo Fundo para tratamento e aproveitam a boa vontade da Casa-Lar, porque não têm condições de pagar acomodações ou tras. Como foi o caso de uma jovem que veio fazer operação de tiróide e tratamento pós-operatório e não podia trabalhar. Nós a recebemos e até remédios fornecemos.

DEVE HAVER SOLUÇÃO

Perguntada sobre uma solução para o problema, a entrevistada declarou: -Acho que deve haver uma maneira de solucionar esses problemas. Não adianta deixarmos uma criatura rotando por aí. Mas é preciso que tenhamos o

mal pela raiz, nas suas fontes. As jovens em condições difíceis terminam até se jogando na prostituição, se não encontrarem uma mão amiga ou uma Casa como a nossa para ampará-las.

NÃO SOU MUITO DE PEDIR

Finalizando, a presidente da Casa-Lar conclamou a comunidade: -Não sou muito de pedir, porque sei que todos atravessamos uma época muito difícil. O comércio e todos são testemunhas de que não somos muitos de pedir. Nós pedimos apenas as sobras. Aquilo que as pessoas têm em casa e não usam, que nos dêem as coisas que já não são úteis. Nós aplicaremos tudo o que ganharmos sempre da melhor forma. E outra coisa: nós estamos querendo e vamos trabalhar, pois é proibido, desde o início da Casa-Lar, que alguém fique sem trabalhar. Nós agora recebemos muito material que naturalmente vai para o lixo. A partir de agora, trabalharemos também com a sucata: Vidro, plástico, etc., poderão ser aproveitados, conforme livro que recebemos de uma editora que nos orienta no aproveitamento desses elementos chamados comumente de lixo caseiro.

Figure 18 Recorte de jornal da época.



NA CASA LAR, ELAS ENCONTRAM REFÚGIO

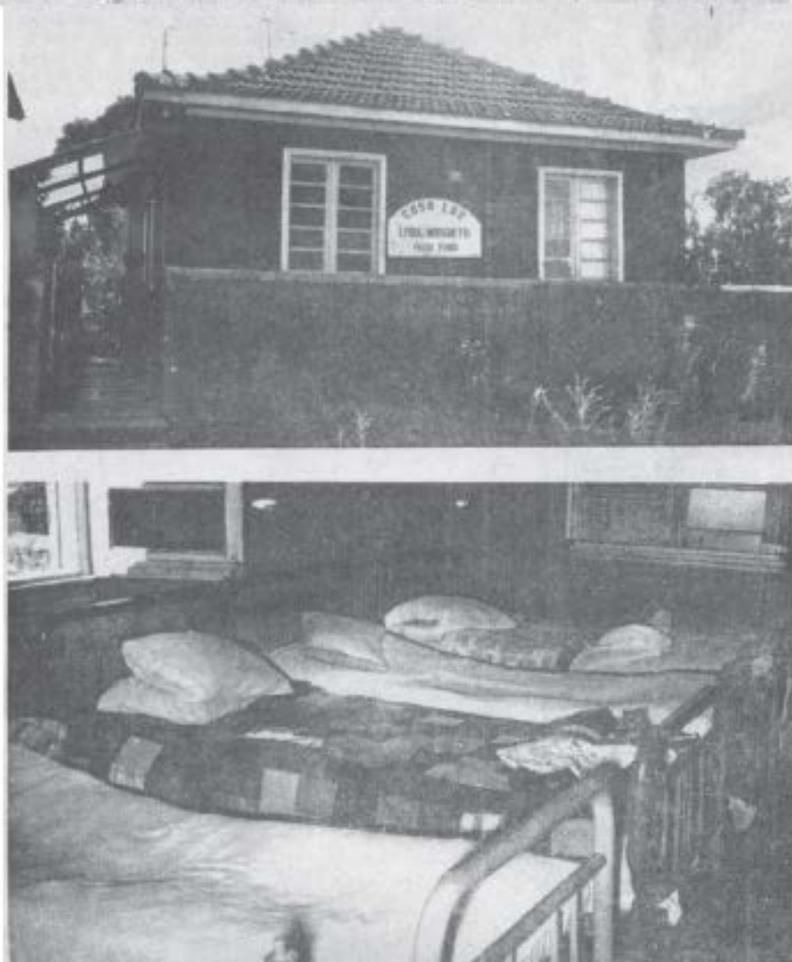


Figure 19 Recorte de jornal da época.

Mulheres grávidas, sem distinção de cor, raça, idade, condição econômica ou credo religioso, encontram na Casa Lar, refúgio diante da sociedade que, em quase todos os casos, às seduziu, ludibriou e, agora as repugnam por estarem fora de seus conceitos de moral que é perfeitamente procedente, mas é aplicada com dois pesos e duas medidas.

Na Casa-Lar não há, em princípio hora ou condição pre-estabelecidas para que uma mulher grávida irregularmente perante a sociedade possa ser acolhida. Objetivo primeiro desta benemérita entidade, criada há mais de seis anos, consiste em fazer tudo que esteja a seu alcance para que uma mulher, quando grávida e em estado de desespero e de desilusão deixe de ser uma mãe solteira para se transformar em prostituta, ou que o fruto de seu ventre, mesmo que qualificado de imoral e irregular pela sociedade, venha se transformar em menor abandonado ou, quem sabe, em marginal e criminoso. A compreensão deste objetivo de uma instituição como a Casa Lar é dada a bem poucos, porque a felicidade suprema de saber amar ao próximo acima dos defeitos e desvirtudes que possa ter também é privilégio de um número muito reduzido de pessoas que, por esta razão, são, quase sempre, objetivo de observações de falso demérito por parte dos pseudo-moralistas da nossa sociedade.

A senhora Heloisa Goelzer de Almeida, presidente da Casa Lar de Passo Fundo, quando indaga sobre as maiores dificuldades que a entidade enfrenta, declarou que se resumem em duas espécies - a falta de recursos materiais e de recursos humanos.

RECURSOS MATERIAIS

O aluguel, do prédio onde funciona a Casa Lar, vem sendo pago pela municipalidade. As despesas de manutenção são cobertas, na medida do possível, pelo recebimento de doações espontâneas e anônimas de dinheiro, feitas por pessoas que chegam a ter a felicidade de compreender o objetivo humanístico de que se reveste a ação de procurar servir a quem, realmene, necessita de ajuda, a fim de que, em meio ao desespero, não decaiba para um estágio

bem mais lamentável para qualquer ser humano, do que o simples fato de estar condicionada para ser mãe solteira.

Continuando em sua exposição, a senhora Heloisa disse que a Casa Lar é a entidade assistencial mais pobre de Passo Fundo, condição que, contudo, não impede que muitas mulheres encontrem em suas modestas instalações a necessária guarida para fazer a tentativa de se encontrarem consigo mesmas e partir para uma reformulação de duas vidas.

Dentro de sua restrita capacidade de poder acolher, em média vinte e cinco pessoas, a Casa Lar, ao longo de seus seis anos de existência, tem servido, não só para o acolhimento de mulheres desesperadas em função de desilusão e desenganos que a vida lhes preparou, quer por despreparo, negligência ou traição, mas como um verdadeiro laboratório de reformulação de vidas desajustadas e desgastadas, muito próximas de cair em um estágio de descrédito e de assistência pelos valores intrínsecos e básicos da existência da criatura humana sobre a face da Terra.

RECURSOS HUMANOS

A Casa Lar, segundo declarações de sua presidente, contava com duas professoras cedidas pelo Município e que ministravam conhecimentos de atividade doméstica na entidade. Agora, contudo, estas duas professoras se aposentaram e não houve a substituição, ficando, desta forma, acéfala a função muito importante que elas ceeem penhavam.

Na atividade diária das internas, as tarefas que exigem maior esforço são atribuídas às mulheres que estão em estado de gravidez menos avançado e em condições físicas lhes permitam cumpri-las.

Muitas, inclusive, trabalham fora, como domésticas, até o sétimo mês de gravidez, quando se recolhem.

Figure 20 Recorte de jornal da época.

PRÉDIO PRÓPRIO

Um dos objetivos mais imediatos da entidade, é adquirir um terreno e construir o prédio próprio. Neste sentido, a entidade espera conseguir mais verbais do Estado, através da STAS (Secretaria do Trabalho e Ação Social).

Falando sobre a questão do prédio próprio, a senhora Heloisa, presidente da Casa Lar, declarou que em certa ocasião, recebeu a promessa de conseguir o terreno que fica no lado do atual prédio e que pertenciam à Fundação Lucas Araújo.

Contudo, seguiu dizendo a senhora Heloisa, esta promessa não foi cumprida, em virtude de razões que não ficaram bem explicadas.

CASA LAR, UMA INSTITUIÇÃO POUCO COMPREENDIDA

Falando sobre as restrições que seu trabalho vem sofrendo, a senhora Heloisa declarou que não se impressiona muito com isso, uma vez que está convicida de que seu esforço, embora criticado por muita gente, visa, unicamente, ajudar mulheres que estão precisando de auxílio. Dentro deste objetivo, o posso trabalhar consegue, com os poucos recursos de que se dispõe, fazer com que muitas moças ou mulheres grávidas não venham a desambar para uma fase muito mais lamentável, que é a prostituição. Acharnos também, continuou Heloisa, que no problema da mãe solteira também resi-

de, em boa proporção, o problema do menor abandonado. Seria muito bom que as autoridades e as campanhas em favor dos menores carentes se lembrassem da origem que muitos menores abandonados têm.

Citando colocações de um ex-reverendo metodista de Passo Fundo, o pastor Schisler, que afirmou que não basta se preocupar só com a prostituição, por um tratamento muito injusto, por parte da sociedade, ao classificar uma mulher de prostituta, sem levar em conta a maneira como ela chegou a este estado, quase sempre por um homem que pode, em verdade, ser qualificado como prostituta. A comprovação deste aspecto, disse a senhora Heloisa, se consegue muito seguidamente na Casa Lar. Pois é lá que moças de diferentes procedências sociais ou culturais nos procuram e, em geral contam a mesma história - houve um namorado ou um noivo muito querido que, no momento de maior responsabilidade, se esquivou, deixando que todo problema familiar e social passasse sobre a mulher que ele usou, meramente, como um objeto, sem a menor consideração humana. Nestes casos, muitas moças, já que começam a ser apontadas pela sociedade, se recalcam e caem na prostituição. De quem é, nestes casos, a culpa maior? Esta é uma pergunta que não está sendo levada muito a sério pela sociedade, mas ela é de importância fundamental.

As moças ou mulheres que procuram ajuda na Ca-

sa Lar, segundo dona Heloisa, vem de longe, em muitos casos e, inclusive, encaminhadas por prefeitos ou outras autoridades. Assim, muitas vezes, altas horas da noite, a direção da entidade é procurada pela Polícia para dar acolhida a mulheres que, desesperadas, dirigiram-se às autoridades policiais, a fim de encontrar uma solução. Se esta não for dada, muitas podem chegar ao extremo de atentar conta a própria vida.

A senhora Heloisa conclui dizendo que a Casa Lar não se recusa em acolher as que vem de outras cidades ou de outros estados. Só que nestes casos, as autoridades que as encaminham poderiam, muito bem, destinar um auxílio para a entidade.

Como conclusão mais aproximada do objetivo real e concreto da atividade da Casa Lar, pode-se dizer, em princípio, que a entidade é muito pouco compreendida em sua missão, razão pela qual, muitos boatos distorsivos aparecem volta e meia, alegando fatos negativos que não podem ser confirmados jamais, se houver uma análise séria e honesta da ação de entidade. A Casa Lar, em síntese, é uma instituição que presta serviços de assistência social em terreno muito perigoso para os conceitos de nossa sociedade - o ampara a mãe solteira. Este serviço deve e precisa ser acatado de maneira diferente, para que muitos problemas sociais possam ser equacionados e solucionados de forma mais humana e racional.

Figure 21 Recorte de jornal da época.

A Miss Rio Grande do Sul

O clube de Saúde “Arthur Leite”, além de fazer caridade, aproveitou a oportunidade e liderou os trabalhos de organização do concurso da moça mais bonita do Rio Grande. Com sua Diretoria, Heloisa se reuniu nas dependências do Túris Hotel. Na época, um dos mais modernos do interior do solo gaúcho, para constituir a Comissão Central do Concurso Miss Passo Fundo e Miss RS 1969.



Figure 22 Panfleto.

A passo-fundense Elizabeth Finardi já havia conquistado o título de Miss Rio Grande do Sul 1968. Agora a cidade era sede do concurso que elegeria a mais bela gaúcha de 1969. A cidade se mobilizou com o lema: “Aqui reside a nossa Miss Rio Grande do Sul: Elizabeth Finardi, Rainha da cidade”.

O concurso era promovido por Diário e Emissoras Associadas, uma espécie de Rede Globo da época. A Heloisa, como presidente do Clube Arthur Leite, providenciava tudo, constituindo diversas subcomissões para receber as moças de todos os quadrantes do Rio Grande do Sul, hospedá-las em hotéis e casas residenciais, passeios, entrevistas, desfiles, etc. A imprensa de Porto Alegre noticiava o êxito do Concurso que se realizaria em Passo Fundo.

A Mulher Camponesa

Heloisa, na tribuna da Câmara de Vereadores, clamava: “A mulher do campo quando chega à cidade, sente-se constrangida, porque é maltratada pelo trabalho que faz, Ela só tem deveres, praticamente. Seus direitos são poucos...” Por ser de origem campesina, Heloisa se identificava com os problemas da mulher do campo. Via na mulher do campo uma lutadora com poucos direitos. Em 8 de março de 1982 a Heloisa conseguiu reunir em Passo Fundo muitas mulheres do meio rural, no Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que lhe deu apoio para discutir os direitos da mulher campesina, como por exemplo: aposentadoria, previdência, saúde, sindicalização, unidade, era temas que moveram, por todo o dia as mulheres.

Era uma coisa inédita, em se tratando de direitos da mulher. Foi o primeiro Encontro de Mulheres do Meio Rural de Passo Fundo e região. Heloisa contou com o apoio de Carlinha Farina, da cidade de Erechim, que também mobilizava as mulheres daquele município, líder do Alto Uruguai.

“Era a oportunidade de ouvir o grito da mulher do campo pelos seus direitos”, diz Heloisa.

Foi na cidade de São Gabriel, quando nos foi negado o direito de contar “causos de galpão”, para competir com os homens num evento cultural, é que veio a ideia de reunir as mulheres do campo para discutir e defender seus direitos.

A imprensa de Passo Fundo, em 1982, noticiava: “Agigantam-se os Movimentos em Prol da Mulher do Agricultor. Erechim, através da professora Carlinha Farina, também dá o grito de libertação da mulher no Alto Uruguai, unindo-se ao grito de Heloisa Almeida e Helena Lorenzatto, esta presidente do 7º Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul...” Nascia o Encontro Regional da Mulher Camponesa, reunindo delegações de vários municípios.



Figure 23 Recorte de jornal da época.

GRANDE ENCONTRO REGIONAL DA MULHER CAMPONESA

PASSO FUNDO RIO GRANDE DO SUL



29 DE OUTUBRO DE 1982
6.ª FEIRA
LOCAL: CÂMARA DE VEREA-
DORES DE PASSO FUNDO.
HORÁRIO - 9 ÀS 17 HORAS.

OBJETIVOS: ESTIMULAR A PARTICIPAÇÃO DA MULHER CAMPONESA, OFERECENDO A TRIBUNA PARA QUE POSSAM SER OUVIDAS, AO INVÉS DE SIMPLES OUVINTES, NA DISCUSSÃO DE IMPORTANTES QUESTÕES COM QUE SE DEFRONTAM. ESPECIALMENTE SUA APOSENTADORIA POR TEMPO DE SERVIÇO. O ENCONTRO NÃO EXCLUI A PRESENÇA MASCULINA, E PROPICIA DISCUSSÕES OBJETIVAS E TROCAS DE PONTOS DE VISTA.

Figure 24 Recorte de jornal da época

A socióloga da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Tane Argolo, que desenvolvia estudos a respeito da situação da mulher no meio rural, veio a Passo Fundo verificar, de perto, o Movimento liderado por Heloisa Almeida.

“A mulher do campo quer seus direitos reconhecidos pelos governos”, dizia Heloisa. “Vamos em frente, vocês não tem nada a perder. Trabalham a vida inteira em casa, na lavoura, sem jamais serem reconhecidas, amparadas e, muito menos, consultadas”, dizia a Heloisa.

O Movimento em Defesa do Consumidor, pelos menos aqui em Passo Fundo, foi obra da iniciativa das mulheres.

MULHER NÃO ENTRA EM GALPÃO, diziam as manchetes dos jornais.

A Heloisa disse que sim. Mulher entra em galpão, por que não? E assim começou a discussão em todo o Rio Grande do Sul.

O fato aconteceu nos dias 8, 9 e 10 de fevereiro de 1982, na histórica cidade de São Gabriel, no Rio Grande do Sul, quando o 1º Encontro Gaúcho de Literatura Oral.

Figure 25 Recorte de jornal da época
N

Vereadora impedida de contar 'causos' não vai recorrer

PORTO ALEGRE (O.GLOBO) — O diretor do Departamento de Cultura da Secretaria de Cultura do Rio Grande do Sul, Tarcísio Taborda, disse ontem desconhecer a existência de um dispositivo que possibilite recurso contra sua decisão de impedir que a vereadora Heloisa Almeida, do PMDB de Passo Fundo, participasse do concurso de “causos” por ser mulher.

Segundo Tarcísio Taborda, o Encontro Gaúcho de Literatura Oral, realizado em São Gabriel, se propôs a reconstituir a vida diária dos galpões gaúchos, que antigamente não permitiam a entrada de mulheres.

Tarcísio Taborda admitiu, contudo, que a manutenção ou não da proibição “é um problema a ser estudado” para os próximos concursos de contadores de “causos”.



o dizer dos organizados: Um verdadeiro torneio entre representantes dos Pólos Culturais das Áreas Pastorais do Rio Grande do Sul. Somente homens. “A alma gaúcha está vivida nestas noites inesquecíveis, bem junto ao fogo que conta lendas... O “causo” apressa o tempo, ao contá-lo, disfarça o tédio... Absurdo ou não, o que importa é provocar o riso”. Eram chamamentos procurando motivar as pessoas para participar no evento em São Gabriel.

Segundo a programação do evento, o torneio é aberto à participação de quem quer que tenha nascido ou vivido no ambiente pastoril do Rio Grande do Sul...



Figure 26 Recorte de jornal da época.

Pois bem, a Heloisa Goelzer de Almeida, criada em galpão, lá pras bandas do Butiá, que sabia e sabe contar muitos “causos”, sabendo da realização do evento, querendo representar Passo Fundo, preparou uma mala de garupa e se bandeou para São Gabriel.

Heloisa costumava escrever seus “causos” nas colunas dos jornais de Passo Fundo. Tinha plena convicção que poderia contar alguns em São Gabriel, a “Terra dos Marechais”. Os “causos” contados pela Heloisa eram apreciados e reproduzidos pelo Almanaque do Correio do Povo em Porto Alegre.

“Animada, repito, fui a São Gabriel.”

11.2.1982

LITERATURA ORAL

Candidata vetada teve infância em galpão ouvindo longas charlas

SÃO GABRIEL (Do enviado especial Antonio de Campuoco) — Heloisa Goelzer de Almeida, a representante do Pólo Cultural de Passo Fundo, que não pôde participar do Primeiro Encontro de Literatura Oral, é uma senhora de meia idade, extremamente alegre e animada, oriunda de tradicionais famílias de colonizadores alemães, que se estabeleceram no Planalto e que ali passaram a miscigenar-se com os chamados "pelo duro". Nascida e criada em estância, como ela lembra, "tive uma infância muito feliz, porque meu pai tinha sua propriedade à beira da estrada, no Rio do Tigre, e uma das coisas que mais me encantava quando criança é que ele me dizia que aquela Serra, que nascia ali em nossa propriedade, a Serra Geral, ia acabar só lá em São Paulo. Hoje, infelizmente, está tudo desmatado. Mas nascer em uma fazenda levou-me a ter uma infância de peã, para desespero de minha mãe, que era professora, e que sonhava em ver a "menina" bem comportada, brincando com bonecas. Eu preferia



Heloisa Goelzer de Almeida

brincar de doma, de trocar ovos de pássaro para serem chocados errados, e muito mais coisa. Em resumo, como a propriedade de papai ficava à margem da estrada, tropeiros e viajantes sempre paravam à

beira do rancho, e ali ficavam, no galpão, em suas longas charlas, a que eu sempre tive acesso, sem que me lembre de jamais ter ouvido qualquer inconveniência".

Figure 27 Recorte de jornal da época

Heloisa, vereadora pelo PMDB, em primeiro mandato, mas disposta a partir para o segundo, se assim seus companheiros o decidirem, tem sua principal atividade ligada a obras de beneficência, como kardecista praticante e ativa que é. Daí nasceu sua candidatura, aliada à tendência socialista que diz ter:

"Me magoa muito ver o peão, o gaúcho a pé, tão empobrecido. Quando os vejos de zipargatas ou chinelos de dedo andando pela cidade, especialmente quando entram em uma farmácia, trato de segui-los para ver o que é possível fazer, e também ouvi-los, o que me encanta muito".

Ela foi a idealizadora, dentre outras obras, da Casa Lar para jovens mães solteiras e prostitutas, mas ao lado de suas atividades benemérentes, que a tornam ocupada da manhã à noite, não se afasta das tradições gaúchas, integrando o CTG Lalsu Miranda, pelo qual desfila no 20 de Setembro. Foi a convite do proprietário do jornal "O Nacional", da cidade, que Heloisa resolveu começar a escrever os "causos" que conhecia de infância e adolescência, ocorridos na Fazenda do Butiá, localidade em que nasceu, antigo segundo distrito de Passo Fundo, hoje integrado à localidade de Sertão. Por isso mesmo ela ficou conhecida como "A china do Butiá" e suas histórias do Butiá "são extremamente admiradas na região, tendo sido mesmo

reproduzidas parcialmente pelo "Almanaque do Cordeiro do Povo" de 1973, embora o editor tenha confundido aquela localidade com a de Minas do Butiá, como ela faz questão de esclarecer.

Animada, indignada e achando injusta a decisão do diretor do Departamento de Cultura em interditar sua participação, Heloisa, porém, não se mostra arrependida de ter vindo: "Olha, fico muito contente em poder contar meus 'causos' ao leitor do jornal e se no ano que vem esta iniciativa tão louvável ocorrer e eu puder participar, virei, e com mais garra ainda".

Inscrita como representante do Pólo Cultural de Passo Fundo pela Secretaria de Turismo, Heloisa começou a pensar em participar mais por brincadeira do que seriamente, terminando, porém, por aceitar o convite oficial, sobretudo quando o outro nome lembrado, Tenório dos Santos Moura, não foi encontrado, embora, segundo Tenório Moura, tenha sido este o nome confirmado pela Secretaria para a representação de Passo Fundo, ainda que Heloisa tenha sido inscrita e aceita diretamente em Porto Alegre.

"O primeiro causo que eu iria contar envolve os peões que vão servir o Governo em caso de guerra, e, portanto, transformam-se de uma hora para outra em soldados. É claro que, com muito enfeite, iria contar coisas sucedidas

como eles, como aquele soldado que, indagado sobre porque o 'cabo tem uma divisa e o sargento duas, respondeu que deveria ser por incapacidade do cabo ao trabalho. Ou então, a história do soldado que, indagado pelo sargento sobre quantas ovelhas ficariam num piquete se retiradas cinco de um grupo de dez, respondeu sem titubear: "nenhuma, porque ovelha é bicho brabo, e onde vai uma vão todas as outras".

Caso se classificasse, Heloisa deveria narrar um causo fantástico, que envolveria um castelhano, ladrão de ovelhas, e um fazendeiro, seu vizinho. Segundo a lenda, haveria uma aparição no cemitério lindenro às duas propriedades, coisa que o castelhano desconhecia, mas não o fazendeiro, homem metido a valentão e que foi desafiado a ir ao campo santo, exatamente na noite em que o castelhano resolveu roubar algumas das ovelhas do vizinho. O castelhano deixou a mulher a cuidar de sua proteção exatamente na área do cemitério em que o valentão chegou, e este, assustado, terminou por carregar nas costas o seu companheiro de aventura, fazendo com que a mulher, ao encontrar um na guarda do outro, pensasse matar-se do marido que retornava com o furto, indagasse se a carga era gordida e terminasse evidentemente por ser derrubada pela pergunta.

Figure 28 Recorte de jornal da época

Lá chegando, se apresentou, disse quem era, de onde vinha e que contaria alguns “causos” de galpão, uma vez que fora criada nesse ambiente.

Resposta da Comissão Organizadora:

“Mulher não entra em galpão”.

Heloisa contra-argumentou de imediato:

“Como não entra?”

“Quando é para plantar mandioca, tirar leite de vaca nas madrugadas, na mangueira, com frio, calor ela serve! Aí ela é de galpão!”



Figure 29 Recados

Indignada, mas animada, com a cabeça erguida, se afastou. Heloisa não se mostrou arrependida de ter ido até São Gabriel, longe do seu Passo Fundo.

Quando entrevistada pelos jornais e emissoras de rádio e TV, disse: “Olha, fico muito contente em poder contar meus “causos” aos leitores dos jornais da minha terra, Passo Fundo. Se no ano que vem (1983), esta iniciativa tão louvável ocorrer e eu conseguir participar, irei, onde for, com mais garra ainda”.

Recadinho:

Querida amiga Heloisa:

Recebemos, com satisfação, tua cartinha.

Agradecemos a atenção dispensada, e gostaríamos de manter contato e marcarmos uma visita tua no Galpão Crioulo. É claro que virias para participar do programa.

Você falou na carta que talvez viria no próximo domingo, mas acontece que o programa é gravado sempre nas 4^{as} feiras, no horário das 20 horas.

Estamos com teu telefone e logo te ligaremos para o convite. Esperamos poder contar com tua presença aqui em Porto Alegre, no Galpão Crioulo

Com um beijo de toda a produção do

GALPÃO*

* Onde mulher só entra!

Figure 30 Recados

Seu protesto foi veemente e ecoou por todo o Rio Grande do Sul, em seu favor, é lógico. Foi uma vergonha para os “machistas” gaúchos.

Foi a partir desse fato, que Heloisa desencadeou o Movimento em favor dos Direitos da Mulher do Campo, em Passo Fundo. “Nada acontece por acaso, que Deus nos esteja vendo e nos auxiliando”, disse a “Chirua do Butiá”. A partir daí, disse ela: “Vou lutar por esta mulher, que não pode entrar em galpão, isto é, que não tem direitos, assegurados”.

A Heloisa no Círculo de Pais e Mestres

Corria o ano de 1972. Era o dia 18 de setembro, quando Heloisa recebe um ofício assinado pelo Diretor da Escola Normal “Oswaldo Cruz”, hoje Escola Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro de Passo Fundo, Dr. Jesus Almeida.

O ofício dizia:

Levo ao conhecimento de Vossa Senhoria que a contagem de votos acusou o seu nome, como vencedora da eleição, para presidente do Círculo de Pais e Mestres da Escola Normal Oswaldo Cruz e Colégio Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro.

Solicitamos a gentileza de Vossa Senhoria, no sentido de comparecer a este estabelecimento em data de 19 do corrente no horário das 13h30min para uma reunião com a professora Maria Gehn.

Mais um desafio para a dona Heloisa: dirigir um círculo de Pais e Mestres. Ela aceitou esse desafio e arregaçou as mangas.

A partir do ano de 1966, todas as escolas públicas do Rio Grande do Sul deveriam estimular a criação e manutenção em regular funcionamento de um Círculo de Pais e Mestres (Lei 5227). Tais Círculos deveriam estimular a convivência entre professores, pais e alunos da escola, entre outras finalidades.

Não demorou muito, e a Heloisa seguia para Porto Alegre com a finalidade de participar de um Encontro Estadual de Presidentes de Círculo de Pais e Mestres.

O Círculo de Pais e Mestres do EENAV estava em permanente reunião com pais e professores e a representante da Sétima Delegacia de Educação, hoje Coordenadoria, prof^a Selma Costamilan dava todo o apoio necessário. Heloisa fazia uso da imprensa local para convocar os pais e professores num trabalho contínuo no sentido de ampla harmonia entre o

binômio, pais professores, em benefício dos alunos. O planejamento e o controle das ações exercidas pela dona Heloisa e sua diretoria eram constantes.

Ela chegava a enviar pequenas mensagens aos alunos, como estas: “Aluno Cenavista; Dia 15 de Outubro, dê uma flor ao seu professor, com carinho. Um lembrete do CPM do CENAV”.

Ela também mandava mensagem escrita à mão, ao professor: “Obrigado por ensinar aos nossos filhos o caminho do saber”. Assinava pelo Círculo de Pais e Mestres: Heloisa Goelzer de Almeida. Heloisa e seus companheiros de diretoria promoviam festas de conagraçamento entre pais e professores, às vezes com a participação dos alunos, como nas festas juninas. Fazia a campanha da matrícula. Heloisa tinha um carinho todo especial pelos alunos carentes. Ela defendia a ideia de que aluno pobre deveria receber todo o material escolar, inclusive a merenda. Os Estatutos que regeriam o CPM foram aprovados em Assembleia Geral pelos pais e professores. Heloisa mandava mensagem aos pais no início do ano nestes termos:

PROVEITOSA REUNIÃO DO CÍRCULO DE PAIS E MESTRES DA EENAV

O Círculo de Pais e Mestres da EENAV, no seu Auditório, realizou uma bem concorrida reunião, a qual participaram elementos da 7ª DE, e da Coordenadoria desta região.

Inicialmente Heloisa Goelzer de Almeida, presidente do CPM da EENAV, fez uso da palavra, abrindo a sessão. A seguir a Profª Vanda Chaise Almeida, coordenadora do CPM da EENAV, compôs a mesa para a realização dos trabalhos.

Em seguida, o Prof. Pergentino Dalmagro proferiu

uma palestra conscientizando e apelando para os pais para trazerem analfabetos para a escola do MOBRAL, a ser instalada neste educandário.

Com a palavra a Profª Selma Costamilan, representante da 7ª DE e coordenadora do CPM desta região falou sobre a importância do MOBRAL.

Também o estudante Marco Mattos trouxe seu depoimento, dizendo como os vicentinos desenvolvem o trabalho comunitário do MOBRAL.

A profª Celi Ribeiro fez

uma explanação, ressaltando a importância da Escola de PAIS; que futuramente será fundada em Passo Fundo.

E, finalmente, a profª Sirley Dias Costamilan, diretora da EENAV; agradeceu a colaboração dos presentes e solicitou a cooperação de todos para a concretização dessas obras.

A Instituição do Círculo de Pais e Mestres da Escola Estadual de 1º e 2º Graus "Nicolau de Araújo Vergueiro" é constituída dos seguintes elementos: responsável, profª Sirley Dias Costamilan

coordenadora do CPM profª Vanda Chaise de Almeida, presidente do CPM sra Heloisa Goelzer Almeida Comissão de execução; presidente, profª Marindia Teixeira da Luz; vice-presidente, profª Vanda Chaise de Almeida, secretária, profª Santana Dal Paz, tesoureira, sra. Iara Pimentel, colaboradores: sra. Cleuza Schneider, profª Angela Langaro, profª Hilda Fradiani, profª Daisy Oliveira, sr. Olímpio Oro, sr. Luiz Miguel Chaise e coordenador profª Sirley Dias Costamilan.

Figure 31 Senhor Pai: Se seu filho tem 7 a 14 anos de idade, é um dever matriculá-lo em uma das escolas da cidade.

Essa mensagem era divulgada no rádio, uma iniciativa do CPM do CENAV. A publicidade era paga pela fábrica de refrigerantes "Pepsi - Cola" instalada em Passo Fundo.

O Círculo de Pais e Mestres costumava convidar casais da cidade para proferirem palestras tendo como lema: "O Papel da Família na Educação dos Filhos." Esse tema foi proferido pelo casal Joarez e Marisa Zílio, em 5 de maio de 1975.

Heloisa se preocupava com a marginalização, do sistema educacional, do alto índice de evasão escolar, da repetência. Tudo era debatido, se fosse do interesse da educação em Passo Fundo.

Heloisa dizia: "Mas o governo é fraco e frágil. Ele não participa". Defendia a criação do Clube de Mães, antevendo o Movimento das Mulheres do Campo, Centros Cívicos. "A escola pública, dizia Heloisa, é uma responsabilidade de todos nós".

A Vereadora

Dizia Heloisa “Quanto mais erro a pessoa comete, mais necessitada ela está.” Com esse pensamento ela quer explicar o seu comportamento, a sua vocação no atendimento aos mais necessitados. O seu espírito político, no verdadeiro sentido da palavra, faz com que o Movimento Democrático Brasileiro, MDB, a convidasse para disputar uma vaga no Legislativo passo-fundense nas eleições de 1976, para a escolha do prefeito e vereadores...

Poucas mulheres tinham chegado ao poder Legislativo de Passo Fundo, tomado assento numa cadeira da Câmara de Vereadores. A primeira mulher foi a professora Olga Poletto, que assumiu na condição de suplente, pelo Partido Libertador. “Segundo sei, foi a primeira mulher a atuar no poder Legislativo de Passo Fundo” disse Heloisa Almeida. A segunda, completou, foi a advogada Linda do Brasil Sarturi. Eleita, assumiu o mandato na legislatura, que se estendeu de 1969 até 1973. Ela concorreu pela Aliança Renovadora Nacional – ARENA. Também em 1969 foi eleita pelo Movimento Democrático Brasileiro – MDB a professora Thereza Zulmira Araújo Almeida. Renunciou o mandato em 1972.

O espírito “machista” do eleitorado passo-fundense não intimidou a “chirúva do Butiá”. Foi à luta, fez campanha com a mensagem: **“Só é feliz aquele que faz de sua vida um fim e não um meio de servir”**. Foi eleita juntamente com Argeu Santarém, Ulisses Vieira de Camargo, Ivo Pacheco, Ivo Francisco Ferrão, Nervilho Piovesan, Miguel Lopes dos Santos, Wilson Correa Garay, Odilon Soares de Lima, Leopoldino Rosa e Delmo Alves Chavier, todos do MDB e Anoel Portela, José Maria Lima Cruz, Antônio Lourenço Pires, Antônio Alberi Ferreira, Cândido Guarani de Rezendi, Fidêncio Franciosi, Hildo Wollmann, Adirbal Corralo e Néelson Rosseto, estes da ARENA.

Uma só mulher. Para Prefeito Municipal foi eleito Wolmar Salton e seu Vice, Firmino da Silva Duro.

Não demorou muito e a Heloisa inicia uma campanha na Câmara de vereadores pela anistia ampla e irrestrita a favor dos brasileiros perseguidos pelo regime militar implantado em 1964. Nessa leva de brasileiros, incluía-se

o passo-fundense João Carlos Bona Garcia que estava exilado na França. Heloisa conclama não só à Câmara dos Vereadores, mas a todas as instituições e à população em geral para se integrarem ao comitê unitário de luta pela anistia, oficializando, dessa maneira, o início da campanha em Passo Fundo.

A Heloisa clamava: “Salários miseráveis, cada vez menores, não satisfazem as necessidades mínimas dos trabalhadores e de suas famílias; as condições de vida, de habitação, transporte, saneamento, saúde e educação da imensa maioria da população, pioram a cada dia... Era um grito que ecoava na tribuna da Câmara de Vereadores, em pleno regime militar”.

Heloisa, na tribuna, dizia: “Milhares de brasileiros, se encontram exilados, dentro e fora da Pátria. Prisões arbitrárias e torturas constituem uma realidade, sendo que os responsáveis gozam da mais absoluta impunidade”. Naquela época, não era fácil dizer essas coisas. Mas a Heloisa dizia. Heloisa, o que ela gostava mesmo, era tocar nos problemas existentes da cidade e do interior de Passo Fundo. Aquilo que angustiava o povo, especialmente os desprotegidos, os excluídos da sociedade. Como, por exemplo: “Fornecimento gratuito de exames médicos, exames de laboratório, Raio X, fotos para documentos e atestados”. Ela solicitava que a Prefeitura Municipal entrasse em contato com os órgãos federal e estadual para que fossem regulamentados aqueles benefícios. Ela destacava que a participação do governo municipal era de fundamental importância.

“É a Prefeitura e a Câmara de Vereadores os primeiros órgãos de que dispomos na defesa das pessoas mais necessitadas”; Dizia.

A Vereadora Heloisa Almeida não só denunciava, não só reivindicava benefícios em favor da população desprotegida. Ela também sabia reconhecer quem fazia o bem. Por exemplo: Cumprimentou através de requerimento protocolado na Câmara de Vereadores a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB – pelo lançamento da Campanha da Fraternidade que tinha como lema: “Para Onde Vais?”

“A Campanha da Fraternidade daquele ano voltava-se para os necessitados desta vida”. Tenho que aplaudir, dizia Heloisa.

A Vereadora soube reconhecer o trabalho social que vinha desenvolvendo o Hospital São Vicente de Paulo e solicitou uma sessão especial para homenagear a instituição de caridade pelos bons serviços prestados à cidade e à região norte do Rio Grande do Sul.

Casa Própria

O problema de habitação popular se agravava em Passo Fundo. Vai daí, que a Heloisa apresentou uma Indicação na Câmara sugerindo a criação de um mutirão com o objetivo de construir casas populares para as pessoas pobres, sem casa para morar. Ela se inspirou nos modelos de projetos existentes em Cruz Alta, no Rio Grande do Sul e em Lages, Santa Catarina. A ideia consistia em construir casas populares com material usado de casas demolidas, criando um banco de habitação. As casas seriam construídas em terrenos da Prefeitura, com um custo muito baixo para as famílias beneficiadas.

O prefeito Firmino da Silva Duro acatou a sugestão da Vereadora Heloisa e montou o “Projeto Jaboticabal”. As moradias, foram construídas com material da comunidade e a mão de obra realizada pelos próprios moradores com a ajuda dos soldados do Exército Nacional.

Preocupação com a Segurança

Naquele tempo, já começavam a surgir grandes problemas, especialmente nos bairros, no que se referia à segurança dos jovens. A vereadora sugeria a volta dos comissários de menores. A ideia era realizar o credenciamento de comissários através do Juizado de Menores (não havia o Estatuto de Criança e do Adolescente). Havia muitos atentados contra meninas. Alegava a vereadora que a ação policial era em geral, e em muitos casos, até imprópria para atender os menores. Diante desse quadro os Círculos de Pais e Mestres das Escolas, com o apoio de órgãos educacionais deveriam desenvolver ações que poderiam colaborar com o Juizado de Menores, na função de Comissários. Ao mesmo tempo, por meio do Círculo de Pais e Mestres, de entidades e instituições, as comunidades dos bairros, com a colaboração dos comissários de menores e do Juizado, procurariam desenvolver campanhas para prevenir a delinquência juvenil, encaminhar menores abandonados, ou em vias de delinquir...

Foram alguns ideais, entre tantas, que a vereadora Heloisa apresentava na Tribuna da Câmara de Vereadores e que, muitas vezes, caíam no vazio. Eram ideais originais, futuristas, como essa de proteção às crianças delinquentes. Outro assunto, de interesse social, que a vereadora abordou na Câmara, se referia à prática do aborto. Clamava a vereadora na tribuna da câmara: “As chamadas “entidades” proliferam cada vez mais na cidade causando um problema social, que precisa ser cortado, imediatamente pela raiz”... Mulheres “parteiras” cobram quantias elevadas para praticarem o aborto ficando impunes por atos que atentam contra a saúde. Muitos casos de aborto acabam com a morte de paciente. Heloisa denunciava abortos clandestinos na cidade de Passo Fundo.

Heloisa e os Sem Terra

Em junho de 1978 a Vereadora Heloisa Almeida se pronunciou na Câmara, dizendo que o governo deveria colocar os colonos sem terras na Fazenda Sarandi.

Havia, na época, uma disputa de terra entre índios e colonos. Heloisa definia a situação como: “Guerra dos Miseráveis”.

“Milhares de colonos contra índios caingangs esfarrapados. Os brancos “usados” por gente influente. Os indígenas não aguentam mais, “dizia Heloisa”. Mas os agricultores e suas famílias? Não são seres humanos como nós? Eis a triste realidade que não podemos ocultar”... Heloisa já podia antever a criação do MST. Ela pedia a reforma agrária. Ela alertava o INCRA, a FUNAI, os governos municipal, estadual e federal para o assunto relacionado com o problema fundiário que tinha a tendência de se agravar, se não fossem tomadas as devidas providências.

Heloisa era, de fato, visionária. Havia muita inveja da atuação da “furacão eleitoral de saias”, do dizer da imprensa.

E há muitos fatos de autoria de Heloisa como vereadora: Escadarias nas ruas Paissandú e Uruguai – Projeto comunitário para saneamento da Vila Victor Issler. – Protesto contra a onda de pornografia reinante na cidade. – Heloisa atenta para viabilizar a instalação de uma Secretaria Municipal de Saúde.

Hoje o registro civil é gratuito, baseado em lei federal. Mas, já nos anos sessenta, a vereadora Heloisa Almeida queria um posto de registro civil em Passo Fundo, gratuitamente. “Existe, dizia ela, muita gente em Passo Fundo sem registro de nascimento e casamento, porque não podem pagar despesas de cartório”. “São brasileiros, irmãos nossos, sem registros”.

A Oração

O mandato da vereadora Heloisa Goelzer de Almeida na Câmara de Vereadores de Passo Fundo iniciou com debates acirrados.

Corria o ano e as cassações de mandatos continuavam, em vista de revolução de 1964. O Vereador Ivo Pacheco não aceitava esta situação, lamentando as cassações de colegas na Câmara de vereadores de Porto Alegre.

Heloisa solicitou que o trabalho da Câmara iniciasse sob a bênção de Deus. Para tal, ela começou rezando a oração: “Pai Nosso”. O líder da ARENA dizia que das cassações ninguém fugiria.

O assunto virou polêmica.

Parte da imprensa de Passo Fundo dizia: – “A bulha que foi feita em torno à proposição da vereadora Heloisa para que os vereadores rezem unidos antes de iniciarem as sessões da Câmara, não passou de mera fantasia...” Afinal, uma oraçãozinha a mais ou a menos não irá fazer diferença, neste mundão velho cheio de ganância, repleto de hipocrisia e atolado de prepotência, diziam os outros.

De qualquer forma, já que a proposição da vereadora Heloisa foi aprovada, fato que a deixou muito contente, rezar não há de prejudicar ninguém. Faça-se oração e depois seja o que Deus quiser, diziam outros.

O vereador Odilon Soares de Lima, líder do MDB dizia: “É bem melhor falar em oração do que em revolução”. Ivo Pacheco lembrava Joana D’arc. Nelson Rosseto e Adirbal Corralo a favor. O vereador Miguel

Lopez dos Santos, falando a respeito, dizia ser apenas um problema de oração. “Ela não estava preparada para frequentar o ambiente “quente” da Câmara de Vereadores. Heloisa saiu do céu e veio para o inferno...”

Um pastor da igreja evangélica mandou uma carta para um vereador, dizendo: “Creio que em vossas reuniões não é o lugar para esbanjar o tempo em vãs repetições de preces, intenções a mortos...”

Caxiense Gaiyer, Delegado da Polícia competente, que já tinha sido vereador de Passo Fundo, num gesto de brincadeira, com um Rosário na mão, perguntava se podia adentrar no recinto da Câmara.

A imprensa local, tomou conta do assunto, colhendo opiniões.

Como as manifestações eram diferentes, o assunto virou polêmica.

“O céu é o estado d’alma, o inferno é o homem revoltado”, dizia Heloisa.

Nas páginas do velho Correio do Povo da Caldas Junior noticiava:

– “Numa atitude na Câmara de Vereadores de Passo Fundo, a vereadora

Heloisa Goelzer de Almeida solicitou que os trabalhos iniciassem sob a proteção de Deus.” A Heloisa continuava a mesma, desde os tempos do Butiá. Heloisa vem realizando seus sonhos, suas caminhadas, suas experiências, suas vitórias. E relata suas atividades que não são poucas: Foi presidente do Clube da Saúde; presidente do CPM da Escola Estadual “Nicolau de Araújo Vergueiro” e da Escola Estadual “Protásio Alves”; presidente da “Casa Lar”; Presidente do Rotary Club “Integridade”; Diretora da “Juventude Espírita C. E. Dias da Cruz”; Assistente aos Deficientes; Coordenadora do Movimento de Mulheres – O grito da Mulher do Campo; Manteve por vários anos uma coluna no jornal “Diário da Manhã”; com o título “Pensando e Escrevendo” e, outra coluna do jornal

“O Nacional”. Também atuou na “Rádio Passo Fundo” como comentarista.

Dedicou um tempo para a política, sendo eleita Vereadora pelo partido MDB. Apresentou vários projetos beneficiando a população desta comunidade. Entre eles, colaborando com a história de Passo Fundo, encaminhou proposições, amparada em leis para a denominação de várias

ruas da capital do Planalto: Rua Angélica de Castro Otto – parteira, Lei 19992 de 25/05/1982 (Loteamento São Geraldo), Rua Augusto Paiva Netto – Engenheiro Agrônomo, Professor (UPF). Lei 2.225 de 07/12/1982 (Loteamento César Santos); Travessa Conceição Teixeira Kurtz. Lei 1.948 de 15/06/1981 (Loteamento Jardim América); Rua Jerônimo Marques Sobrinho. Lei 1.834 de 06/12/1978 (Loteamento São Cristóvão); Rua Jovenor dos Santos. Lei 1.895 de 08/05/1980 (Conjunto Habitacional Edmundo Trein); Rua Jovina Ribeiro Martins. Lei 1.999 de 19/07/1982 (Loteamento Santa Rita). Avenida Leonidia da Cunha Fiori. Lei 1.834 de 06/12/1978 (Loteamento Maggi) – Outros Vereadores também apresentaram esta proposição. Rua Newton Lopes de Abreu. Lei 1.999 de 19/07/1982 (Loteamento Santa Rita); Rua Tenente da Brigada Militar Delmar Duarte. Lei 2.2021 de 19/07/1982 (Loteamento Jardim Botânico); Rua Jornalista Túlio Fontoura. Lei 2.205 de 07/12/1982 (Loteamento César Santos).

Comitê da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida

O trabalho que Heloisa realiza no Comitê da Cidadania é estafante, mas os resultados são benéficos, pois atinge o ser humano. Dedicar-se a esta entidade social há anos (2011) dia a dia, sem rotina. Vai sempre criando e, com a força e saúde que Deus lhe proporciona, segue em frente...

Ajuda não falta do Poder Municipal, do povo passo-fundense e de outros municípios. Alimentos existem em abundância. A grande solução esperada é a geração de emprego, preparação da mão de obra e ainda a melhor distribuição de renda.

Heloisinha lembra sempre que o grande idealizador dos Comitês de Cidadania foi o bondoso e inesquecível "Betinho" (Helbert de Souza), Acreditou que o maior compromisso da sociedade é resgatar a cidadania daqueles que foram ignorados e marginalizados. É a oportunidade para formar um cidadão livre e feliz.

O Comitê da Cidadania foi criado em várias cidades e, Passo Fundo não podia ficar fora, então foi criado dia 14 de julho de 1993, na Universidade de Passo Fundo (UPF). Heloisa pessoa talhada para esse trabalho foi escolhida e assumiu a tarefa. Participou de várias reuniões para dar publicidade e solicitar a colaboração para o Comitê Municipal da Cidadania. A divulgação foi feita às autoridades, ao povo de Passo Fundo, ao Comércio, enfim a todas as forças vivas de nossa cidade. O trabalho consiste em visitar possíveis doadores, benfeitores, arrecadar as doações, recolher sobras de alimentos (não restos), de festas, em restaurantes, lancherias, padarias, churrascarias, fruteiras, casas de carne (para o sopão). Recebe também material para o trabalho artesanal.



Figure 32 Heloysa distribuindo alimentos no Comitê. Prof^a Santina ajudando convoluntárias

O sopão, no início, foi servido diariamente no Comitê e nas Vilas Cadastradas. Sempre atendendo a higiene, a disciplina e o respeito. De mãos dadas recitavam orações em agradecimento a Deus pelo alimento recebido em cada dia. O aproveitamento de todo o alimento arrecadado pelo ônibus do Comitê da Cidadania é em seguida distribuído nos bairros anteriormente agendados com os voluntários.

Após esses anos de muito trabalho, foram surgindo muitos doadores e voluntários que oferecem o seu trabalho no Comitê. Ajudam com orientações sobre assuntos que todo o cidadão deve saber: seus direitos e deveres, preparo de alimentos, higiene, etc... O manejo dos trabalhos manuais, artesanato, aproveitamento de matérias, sobras de tecidos. Os Projetos Pedagógicos desenvolvidos na Alfabetização são realizados no Comitê. Heloisa não aceita dinheiro e diz que está interessada em ajudar a sociedade mais carente, recebendo o que oferecem (agasalho, móveis de toda a espécie, etc...). A arrecadação mensal de alimentos é surpreendente e grande é a colaboração de algumas empresas passo-fundenses, pois já conhecem o trabalho sério que essa entidade vem realizando.

É justo citar nomes de pessoas, de entidades, empresas que sentiram que é o momento de ajudar essa entidade que surgiu e que deu certo: Sargento Orlei, Moacir Goelzer, Prefeito Municipal Dr. Airton Lângaro Dipp, Câmara Municipal de Vereadores, Oldermes Goelzer Lima, Dr. Ruy Getúlio Soares, Brigada Militar, Universidade de Passo Fundo, Dom Urbano Allgayer, Celso Menegaz, Maria Nelci, Nena, Áurea Borghetti, Luiza, Zefa, Isaura, Teresinha, Profª Arita M. D'Ávila, Sebastião (motorista do ônibus do Comitê da Cidadania durante 10 anos de serviço), Dr. Eloi Zanatta, Rotary Club, CISA, Bella Cittá, Zaffari, Caixa Econômica Federal, Embrapa, Hotel Itatiaia, Vassoler (fruteira), Dr. Eurípedes Facchini, Dra. Dorotea Morsch, Profª Marga Kochhann, Lago Pão, Clubes Comercial e Caixeiral, Boka – Padarias, muitos anônimos, cidades vizinhas. Passo Fundo abraçou o

trabalho do Comitê. A colaboração veio de muitas mãos generosas que atenderam ao pedido. “E o Pai Todo Poderoso abençoará a todos”.



Figure 33 Heloysa vai à vila Victor Isler levar às crianças alimentos e roupas. Colaboram no transporte soldados do quartel. Grupo de rotarianos: Isabel Heckler, Marga Kochhann, Bruno Zilmer (2002.



Figure 34 Onibus do Comitê.

Heloisa, é uma abnegada, sem dúvida, e merece todo o respeito e agradecimentos do povo passo-fundense e de todos os colaboradores, por seu esforço, doado com tanto amor e dedicação. E Heloisa sempre afirma que é gratificante poder doar o seu tempo para esta causa tão nobre



Comitê Municipal da Cidadania Contra a Fome, a Miséria e pela Vida.

Você sabia...

Passo Fundo/RS – tem um ônibus que faz entrega de alimentos todos os dias?

Você sabia?

É fato único. Inédito.

Entrega na porta das casas, feijão, arroz, farinhas de trigo, de milho, carnes, frutas, verduras etc,

Entrega móveis, camas, colchões, cobertores? etc, etc.
Não há nada igual. Semelhante. Não existe em nosso estado – Rio Grande do Sul, até hoje algo parecido. Nem no Brasil.

De outra parte, é exigido que os beneficiados participem dos grupos de trabalho de artesanato. Reciclagem.

Há que mostrar trabalho para ser beneficiado.

É do evangelho: A quem muito foi dado, muito será pedido.

Figure 35

Certo dia, uma voz clamava no Brasil: “É preciso matar a fome dos pobres no Brasil, com a ajuda dos brasileiros.” Era o Betinho. Heloisa, que já vinha pensando e agindo nessa área, gostou da ideia. Betinho tinha uma



aliada em Passo Fundo. Com forças redobradas, ela com suas amigas organizam um Comitê para combater a fome e a miséria em Passo Fundo, com a ajuda dos passo-fundenses. Corria o ano de 2001.

Heloisa clama, reclama e vence.

Passados alguns anos, O Comitê é reconhecido pela comunidade de Passo Fundo como um espaço muito importante do combate à fome e à miséria, nos fundos da antiga Prefeitura Municipal, entre as duas ruas históricas da cidade: Av. Brasil e Moron.

A realidade em que vive o pobre da cidade, Heloisa expressou neste poema:

A Fome

A minha,
A nossa,
A tua,
A dele,
A dela.
Fome, miséria.
Palavras tristes,
Palavras sérias.
Fome
Tantos dependem dela
Fome
Tantos me traz lembrança
Dos tempos que eu era criança.
Não tinha muita esperança.
É triste pensar, imaginar,
Tantas crianças vivendo,
Sem alimento
E sem lar.
Mas somos sonhadoras
E queremos ajudas.
Com um pouco de cada um,



Nós esperamos,
Com a fome acabar.
Doar alimentos
Para tentar melhorar
Tantos sofrimentos
De tantas pessoas,
Sem trabalho e sem lar.
Esperamos, seu Presidente,
O cumprimento urgente
Das promessas que nos fez.
Sabemos que, após quatro anos,
Você prometerá outra vez.

A saúde é um direito fundamental. Jesus, no seu tempo, lutou muito para isso. O povo estava enfraquecido e abandonado. E Jesus, também ensinou que a saúde é um ponto importante para a prática de caridade.

Heloisa Goelzer de Almeida procura fazer a sua parte na sociedade passo-fundense. Sua luta tem sido constante. As dificuldades são, também, constantes. Mas ela não esmorece, vai em frente. Sempre em frente. A saúde, para Heloisa, entra pela boca. Por isso Heloisa se preocupa com uma boa alimentação das crianças e dos idosos.

A menina e a adolescente do Butiá continua a mesma: inquieta, insatisfeita... Quer mais, sempre mais em benefício dos injustiçados. Heloisa procura resolver os problemas sociais à partir da realidade local. É o aqui e agora. Não fica divagando e filosofando. É preciso fazer. E faz. E diz. É fácil, diz Heloisa, e até costumeiro auxiliar uma creche ou um asilo, mas não é fácil e nem sempre tem muita aceitação auxiliar criatura, mães solteiras, abandonadas pela sociedade, Crianças e velhos com fome ficam desanimados.

“Minha alma está alegre por causa de Deus meu Salvador. Porque ele se lembrou de mim, sua humilde serva!”...

Fontes de Referência

1. Francisco A. Xavier e Oliveira.
2. Jornais: O Nacional, Diário da Manhã de Passo Fundo, Correio do Povo, Zero Hora.
3. Câmara de Vereadores de Passo Fundo.
4. Prefeitura Municipal.
5. Centro Espírita Dias da Cruz.

Índice de ilustrações

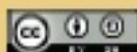
Figure 1 Parte do mapa do município de Passo Fundo organizado no ano do seu centenário em 1957.	18
Figure 2 Recibo.....	21
Figure 3 Documento de transmissão de propriedade	23
Figure 4 Um dos poucos butiazeiros que restaram na região de Butiazinho. (Granja Matei).....	29
Figure 5 Heloisa ao lado de dois butiazeiros, certamente, centenários.....	29
Figure 6 Milton e Heloisa Goelzer no local onde seus pais residiam.....	33
Figure 7 Butiazeiro da antiga fazenda do pai de Dona Heloisa.	35
Figure 8 Recorte de jornal da época.	37
Figure 9 Recorte de jornal da época.	39
Figure 10 Heloisa discursando na inauguração da Escola “Manoel Peres”. Prof. Ida Della Méa, Octaviano Goelzer (pai de Heloisa), João Freitas e Ernesto formighieri.....	41
Figure 11 A banda de música da Brigada Militar abrilhantando a inauguração da E.A. “Manoel Peres” (1969).	42
Figure 12 Famílias assistidas pela iniciativa da Heloisa	42
Figure 13 Festa na E.A. “Manoel Peres” organizada pela Heloysa (na primeira fila, juntamente com o povo).	43
Figure 14 Heloysa oferecendo presentes para as crianças na festa da E.A.M.P., acompanhada de seu amigo e irmão Ernesto Formighieri e professores	44
Figure 15 Inauguração da Casa Lar Lydia Moschetti. Na foto, o prefeito Guaraci Marinho discursando e Heloysa ao centro (1970).	46
Figure 16 Recorte de jornal da época.	47
Figure 17 Recorte de jornal da época.	48
Figure 18 Recorte de jornal da época.	50
Figure 19 Recorte de jornal da época.	51
Figure 20 Recorte de jornal da época.	52
Figure 21 Recorte de jornal da época.	53
Figure 22 Panfleto.	54
Figure 23 Recorte de jornal da época.	57
Figure 24 Recorte de jornal da época	58
Figure 25 Recorte de jornal da época	59

Figure 26 Recorte de jornal da época.	60
Figure 27 Recorte de jornal da época	62
Figure 28 Recorte de jornal da época	63
Figure 29 Recados	64
Figure 30 Recados	65
Figure 31 Senhor Pai: Se seu filho tem 7 a 14 anos de idade, é um dever matriculá-lo em uma das escolas da cidade.	69
Figure 32 Heloysa distribuindo alimentos no Comitê. Profª Santina ajudando com voluntárias.....	80
Figure 33 Heloysa vai à vila Victor Isler levar às crianças alimentos e roupas. Colaboram no transporte soldados do quartel. Grupo de rotarianos: Isabel Heckler, Marga Kochhann, Bruno Zilmer (2002.	82
Figure 34 Onibus do Comitê.....	83
Figure 35.....	84



[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br

Dona Heloisa não pode ser sintetizada em uma mera lista de ações sociais dirigidas à população economicamente menos favorecida de Passo Fundo. Tampouco se presta apenas ao papel da mulher que viveu para quebrar paradigmas em uma sociedade eminentemente dominada por homens. Ela é muito mais que isso, especialmente aos olhos daqueles que, um dia, sem poder contar com mais nada e sem qualquer esperança, encontraram nela e no seu trabalho social a mão estendida para que pudessem se levantar do chão, mesmo que essa mão, aos olhos de muitos, na passasse de um prato de comida. Para quem, um dia, foi beneficiado pelo trabalho de Dona Heloisa, essa mulher de aparência frágil (só aparência) é uma guerreira monumental, capaz de mover montanhas para atingir seus objetivos, que se resumem em fazer o bem.



Dominio Público
Biblioteca Digital Desenvolvida em Software Livre



Passo Fundo